



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Anamnese
Projeto de Arquitetura para o Centro de Observação e
Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela

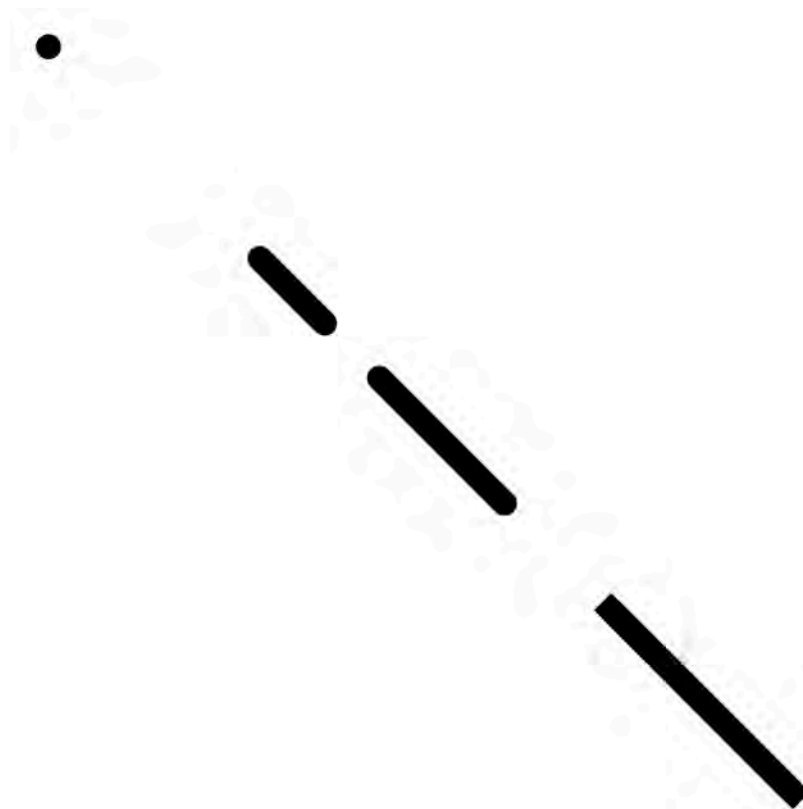
Rui Miguel Esmeraldo Ferreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

Covilhã, junho de 2018

ANAMNESE



DEDICATÓRIA

Ao meu pai. À minha mãe. À minha irmã. Com amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi resultado de uma caminhada conjunta com várias pessoas, sem as quais a sua concretização não teria sido possível e tão proveitosa.

Agradeço ao Professor Jorge Marum pela disponibilidade, empenho, partilha, generosidade, e acima de tudo pelas interessantes conversas que tornaram o processo deste trabalho numa jornada muito mais valiosa e estimulante.

Agradeço aos docentes que me acompanharam durante o percurso académico pelo conhecimento transmitido.

Agradeço aos meus amigos pelas horas que me tiraram de trabalho nos fundamentais momentos de descontração.

Agradeço ao Pierre, pelas horas de conversa e discussão de arquitetura e pelo companheirismo.

Em especial, aliada e cúmplice desta aventura, agradeço à Larissa pela inquietante confiança, pela motivação e pela paciência. A sua presença foi essencial e preciosa pela colaboração e pelo apoio emocional incondicional.

Inevitavelmente, agradeço à minha família. Ao meu pai, pelo amor, pela educação e pela responsabilidade que me transmitiu, que me motiva a dar sempre o meu melhor. À minha mãe, pelo amor, pela compreensão e pela confiança, que me faz acreditar nas minhas ambições. À minha irmã, pelo amor, pela força e acima de tudo pelo exemplo, ensinando-me a encarar a vida e os problemas com determinação e persistência.

A todos um *bem-haja*, por tudo.

RESUMO

Anamnese.

Projeto de arquitetura para o Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela.

A presente dissertação aborda a relação entre a arquitetura e a natureza como premissa primordial e fundamental da intervenção na paisagem natural. “*A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projeto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva*”.[1]

Inquietos por esta temática, surge a motivação de aprofundar a relação entre a arquitetura e a natureza, na tentativa de refletir e compreender o diálogo mútuo que estes devem estabelecer, reconhecendo a responsabilidade e sensibilidade necessárias na ação projetual sobre um lugar de contexto natural. Procura-se compreender os critérios relacionados com o conhecimento do lugar, o valor da paisagem e o método de transformação ‘da e na’ paisagem, por meio da arquitetura. Em paralelo, a relação afetiva e emocional com o parque natural da Serra da Estrela induziu a vontade de intervir neste cenário pelo reconhecimento do seu valor e pelo desejo de enaltecer e promover um património que consideramos meritório e relevante.

Neste compromisso, o presente trabalho tem como objetivo a conceção de uma proposta para um *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela*. Um equipamento que se pretende vocacionado para a incrementação de conhecimento e divulgação do património ambiental da *Serra da Estrela*, cuja implantação, no seio do parque natural, permita em parceria com a componente educacional, interpretativa e cultural, a observação e contemplação da paisagem de forma direta e instruída.

Num lugar em constante mutação, a leitura e análise *in situ* fomentam uma forte relação com a paisagem e as suas especificidades. A experiência sensorial e concreta que se estabelece com o lugar, estimula uma intensa conexão, motivando uma interpretação atenta e minuciosa que admite a paisagem como parte integrante e fundamental, onde a natureza surge como pressuposta origem da proposta.

Assim, este trabalho pretende envolver o leitor com o enredo da narrativa que toma a PAISAGEM como protagonista, tendo em vista uma PROPOSTA ajustada e vinculada com o lugar, na qual se valoriza com sensibilidade e minúcia cada decisão, viabilizando a sua CONSTRUÇÃO.

No esforço e na dedicação em ‘trazer de volta’ o valor desta região, expondo as qualidades que a ‘memória’ foi perdendo, em paralelo com a vontade de estudar e refletir sobre a consciência, muitas vezes esquecida mas necessária na relação da arquitectura com a paisagem e com o lugar, surge a ANAMNESE.

Palavras-Chave

Anamnese; Projeto; Observação; Interpretação; Paisagem; Serra da Estrela.

[1] Siza, Álvaro. (2009). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, p.17.

ABSTRACT

Anamnesis.

Architectural project for the Center of Observation and Interpretation of the Landscape of the Serra da Estrela

The present dissertation approaches the relation between architecture and nature as the primordial and fundamental premise of intervention in the natural landscape. “*The relation between nature and construction is decisive in architecture. This relation, permanent source of any project, comes to me as an obsession; has always been determinant in the course of history and yet today tends to a progressive extinction.*” [1]

Concerned about this theme, there is a motivation to understand the relation between architecture and nature, an attempt to reflect and understand the mutual dialogue that they must establish, recognizing the responsibility and sensitivity necessary in the project action on a place of natural context. It seeks to understand the criteria related to the knowledge of the place, the value of the landscape and the method of transformation “of and in” the landscape, through architecture. In parallel, the affective and emotional relation with the natural park of *Serra da Estrela* induced the desire to intervene in this scenario for the recognition of its value and the desire to enhance and promote a heritage that we consider praiseworthy and relevant.

In this commitment, the present work aims at the conception of a proposal for a *Center of Observation and Interpretation of the Landscape of the Serra da Estrela*. An equipment intended to increase knowledge and dissemination of the environmental heritage of *Serra da Estrela*, whose implementation, within the natural park, allows, in partnership with the educational, interpretative and cultural component, the observation and contemplation of the landscape in a direct and instructed way.

In an ever-changing place, *in situ* reading and analysis fosters a strong relation with the landscape and its specificities. The sensorial and concrete experience that is established with the place stimulates an intense connection, motivating an attentive and meticulous interpretation that acknowledges the landscape as an integral and fundamental part, where nature arises as the presupposed origin of the proposal’s guidelines.

Therefore, this work intends to involve the reader with the plot of the narrative that takes the LANDSCAPE as protagonist, in view of a PROPOSAL adjusted and linked with the place, in which each decision is valued with sensitivity and detail, making its CONSTRUCTION viable.

Through the effort and dedication to “bring back” the value of this region, exposing the qualities that the “memory” has lost, in parallel with the desire to study and reflect on the awareness, often forgotten but necessary consciousness in the relation of architecture to the landscape and with the place, comes forth *ANAMNESIS*.

Keywords

Anamnesis; Project; Observation; Interpretation; Landscape; Serra da Estrela.

[1] Siza, Álvaro. (2009). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, p.17.

SUMÁRIO

■ Introdução.....	02
● Motivações e Inquietações.....	03
● Proposta e Objetivos.....	05
● Metodologia e Estrutura.....	07
■ PAISAGEM.....	10
● Serra da Estrela.....	11
● Turismo da Serra.....	13
● Área de Intervenção.....	15
■ PROPOSTA.....	18
● I. <i>In Situ</i>	19
▲ Rochedo.....	21
▲ Alinhamento.....	23
▲ Lugar.....	25
● II. Implantação.....	28
▲ Topografia.....	29
▲ Volume.....	31
▲ Acessos.....	33
● III. Anatomia.....	36
▲ Programa.....	37
▲ Traçado.....	39
▲ Organização.....	41
● IV. Fisionomia.....	46
▲ Cobertura.....	47
▲ Fachada.....	49
▲ Percurso.....	51
● V. Narrativa.....	54
▲ Horizontes.....	55
▲ Exposição.....	59
▲ <i>Promenade</i>	61
● VI. Atmosferas.....	64
▲ Conexões.....	65
▲ Materialidade.....	67
▲ Sensações.....	71
■ CONSTRUÇÃO.....	76
● Estrutura e Cobertura.....	77
● Materiais e Acabamentos.....	79
● Soluções e Pormenores.....	83
■ Considerações Finais.....	86
■ Fontes Bibliográficas.....	90

LISTA E CRÉDITOS DE FIGURAS

Fig.1 - Serra da Estrela. (do autor)

Fig.2 - Ponto mais alto de Portugal Continental, “Torre”. (do autor)

Fig.3 - Paisagem da Serra da Estrela coberta de neve. (do autor)

Fig.4 - Estância de turismo de Penhas da Saúde, a 1500m de altitude. (do autor)

Fig.5 - Fotografia aérea da área de intervenção. (do autor)

Fig.6 - Imagem de satélite que delimita a área de intervenção. À esquerda o ponto de controlo de acessos à Torre, e à direita a estância de turismo de Penhas da Saúde.

Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).

Fig.7 - Arnold Bocklin, “A ilha dos mortos”, 1880.”

Fonte: [Internet] Disponível em: www.hd.se/2016-06-15/den-farliga-konsten [Consultado a 19 de Fevereiro de 2018]

Fig.8 - O destaque do rochedo no contexto da paisagem. (do autor)

Fig.9 - O Rochedo. (do autor)

Fig.10 - Walking line in Peru, Richard Long, 1972. (do autor)

Fonte: [Internet] Disponível em: www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/lineperu.html [Consultado a 19 de Fevereiro de 2018].

Fig.11 - O alinhamento entre o rochedo e o muro da lagoa Viriato. (do autor)

Fig.12 - Imagem de satélite que permite confirmar o alinhamento.

Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).

Fig.13 - Sahara Line, Richard Long, 1988.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/sahaline.html [Consultado a 21 de Maio de 2018].

Fig.14 - O lugar. (do autor)

Fig.15 - Imagem de satélite com a definição do lugar.

Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).

Fig.16 - Doble negatice, Michael Heizer, 1970.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.x-traonline.org/article/work-site-world-re-thinking-michael-heizer-through-ends-of-the-earth/ [Consultado a 19 de Fevereiro de 2018].

Fig.17 - Perspetiva do lugar deste o rochedo, de onde se pode entender o alinhamento. (do autor)

Fig.18 - Planta topográfica do local.

Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).

- Fig.19** - Sea level, Richard Serra, 1996
Fonte: [Internet] Disponível em: wikimediafoundation.org/wiki/File:Richard_Serra_Sealevel1.jpg [Consultado a 22 de Maio de 2018].
- Fig.20** - Esquema que representa a implantação do volume no lugar. (do autor)
- Fig.21** - Planta esquemática de implantação.
Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).
- Fig.22** - The Floating Piers, Christo and Jeanne-Claude, 2016.
Fonte: [Internet] Disponível em: www.followthecolours.com.br/art-attack/the-floating-piers-italia/ [Consultado a 19 de Fevereiro de 2018].
- Fig.23** - Perspetiva que representa os acessos ao equipamento, pedonal e automóvel. (do autor)
- Fig.24** - Planta esquemática de implantação onde se definem os acessos ao equipamento.
Fonte: Google Maps (modificada pelo autor).
- Fig.25** - The Way North and South, Carl Andre, 1975.
Fonte: [Internet] Disponível em: www.christies.com/lotfinder/Lot/carl-andre-b-1935-the-way-north-6075421-details.aspx [Consultado a 27 de Maio de 2018].
- Fig.26**- Organograma do programa proposto para o equipamento. (do autor)
- Fig.27**- Interaction of Color, Josef Albers, 1963.
Fonte: [Internet] Disponível em: <http://yalebooks.co.uk/display.asp?k=9780300146936> [Consultado a 6 de Janeiro de 2018].
- Fig.28** - Diagrama do traçado que estrutura a organização do equipamento. (do autor)
- Fig.29** - Donald Judd. Marfa, Texas, 1980-1984.
Fonte: [Internet] Disponível em: www.wrnsstudio.com/stewardship/marfa-is-a-state-of-mind-part-one [Consultado a 21 de Abril de 2018].
- Fig.30** - Planta do piso à cota ±0.00m. (do autor)
- Fig.31** - Planta do piso à cota -4.00m. (do autor)
- Fig.32** - Planta do piso à cota -8.00m. (do autor)
- Fig.33** - Secção longitudinal esquemática do equipamento. (do autor)
- Fig.34** - North, East, South, West. Michael Heizer.
Fonte: [Internet] Disponível em: www.artobservations.blogspot.pt/2009/01/michael-heizer-at-dia-beacon.html [Consultado a 13 de Abril de 2018].

Fig.35 - Secção esquemática do edifício onde se entende a relação das aberturas da cobertura. (do autor)

Fig.36 - Fotografia das rochas do lugar. (do autor)

Fig.37 - *Concetti Spaziali*. Lucio Fontana, 1964.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.ngv.vic.gov.au/essay/no-form-can-be-spatial-the-origins-of-lucio-fontanas-spatial-concept-2/> [Consultado a 24 de Março de 2018].

Fig.38 - Perspetiva da fachada do equipamento em ambiente noturno. (do autor)

Fig.39 - Panorama noturno da estância de turismo de Penhas da Saúde desde o lugar de implantação. (do autor)

Fig.40 - Richard Long na intervenção Line Sahara, 1988.

Fonte: [Internet] Frame do documentário “Richard Long : Le paysage comme sculpture”. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=KxCzbynsEt4 [Consultado a 17 de Abril de 2018].

Fig.41 - Perspetiva da cobertura. (do autor)

Fig.42 - Momento do percurso que evidencia o alinhamento com o rochedo. (do autor)

Fig.43 - Donald Judd. Marfa, Texas, 1980-1984.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.fineartamerica.com/featured/donald-judd-marfa-greg-larson.html [Consultado a 23 de Abril de 2018]

Fig.44 - Perspetiva do exterior do equipamento. (do autor)

Fig.45 - Perspetiva que evidencia a relação entre miradouros. (do autor)

Fig.46 - Panorama dos quatro horizontes enquadrados desde o interior. (do autor)

Fig.47 - Esquema dos enquadramentos planeados. (do autor)

Fig.48 - Perspetiva do espaço de um dos miradouros. (do autor)

Fig.49 - Inside Out. Richard Serra, 2013.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.artsy.net/artwork/richard-serra-inside-out [Consultado a 22 de Maio de 2018].

Fig.50 - Esquema da organização das quatro salas de exposição permanente. (do autor)

Fig.51 - (em cima à direita) Perspetiva do interior de uma das salas de exposição permanente.”

Fig.52 - *Umschreibung*, Olafur Eliasson. Munich, 2016.

Fonte: [Internet] Disponível em: <http://www.arkitektuel.com/umschreibung> [Consultado a 19 de Janeiro de 2018].

Fig.53 - Esquema da secção que revela a circulação pelo edifício. (do autor)

Fig.54 - Esquema da circulação pelos espaços de exposição. (do autor)

Fig.55 - *Conical Intersect*. Gordon Matta-Clark, 1975.

Fonte: [Internet] Disponível em: <http://degenerateartstream.blogspot.pt/2012/01/adjective-version-post-by-alan-maskin.html> [Consultado a 28 de Janeiro de 2018].

Fig.56 - Secção esquemática que evidencia a relação vertical entre espaços. (do autor)

Fig.57 - Perspetiva da contínua conexão visual que atravessa longitudinalmente todo o edifício. (do autor)

Fig.58 - *Time/Timeless/No Time*, Walter di Maria , Chichu Art Museum, 2004.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.theartstack.com/artist/walter-de-maria/time-timeless-no-time [Consultado a 3 de Maio de 2018].

Fig.59 - Esquema da materialidade exterior do equipamento. (do autor)

Fig.60 - Aspeto da materialidade exterior do equipamento em betão bujardado.

Fonte: [Internet] Disponível em: <https://www.archdaily.com/407047/mountain-cabin-marte-marte-architekten> [Consultado a 15 de Maio de 2018].

Fig.61 - As quatro tipologias de espaços. (do autor)

Fig.62 - Diagrama da materialidade dos diferentes espaços. (do autor)

Fig.63 - Diagrama das superfícies de aplicação dos diferentes materiais. (do autor)

Fig.64 - *Riverbed*. Olafur Eliasson, 2014.

Fonte: [Internet] Disponível em: www.olafureliasson.net/archive/exhibition/EXH102282/riverbed [Consultado a 19 de Maio de 2018].

Fig.65 - Perspetiva do Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela durante o Inverno. (do autor)

Fig.66 - Perspetiva de um dos espaços de observação da paisagem. (do autor)

Fig.67 - Perspetiva do espaço de entrada desde o estacionamento.(do autor)

Fig.68 - Perspetiva de um dos espaços de comunicação vertical.(do autor)

Fig.69 - Secção transversal do equipamento. (do autor)

Fig.70 - Perspetiva da cobertura em ambiente noturno. (do autor)

Fig.71 - Detalhe construtivo das claraboias e do sistema de escoamento de águas da cobertura.”

Fig.72 - Materiais de revestimento (Gesso cartonado - Betão - Granito Negro). (do autor)

Fig.73 - Pormenores construtivos das paredes interiores e exteriores que constituem a proposta. (do autor)

Fig.74 - Materialidade das distintas tipologias de espaço. (do autor)

Fig.75 - Diagrama da disposição dos espaços (em planta). (do autor)

Fig.76 - Perspetiva do interior do Centro. (do autor)

Fig.77 - Perspetiva de exemplo do encontro dos distintos materiais (pavimento - parede). (do autor)

Fig.78 - Pormenor construtivo das janelas. (do autor)

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÕES E INQUIETAÇÕES

“A relação entre natureza e construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projeto, representa para mim como que uma obsessão; sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva”. [1]

Este trabalho surge com a motivação de desenvolver uma problemática fora do contexto urbano e distinta daquelas tratadas no decorrer do curso, usufruindo e encarando o trabalho final de mestrado como um último desafio desta etapa, constituindo um momento para o desenvolvimento de interesses e aptidões pessoais e académicas.

Os anos que anteviram a realização deste trabalho, correspondentes aos anos académicos, permitiram o espaço e o tempo necessários para reconhecer os temas que despertavam interesse da sua compreensão e abordagem. Fazendo minhas as palavras do arquiteto Álvaro Siza, a presente dissertação resulta assim da estima e da vontade de aprofundar a relação entre a arquitetura e a natureza, com o intuito de refletir e compreender sobre o diálogo mútuo que estes devem estabelecer, reconhecendo a responsabilidade e sensibilidade necessárias na atividade da ação projetual sobre um lugar de contexto natural.

A 600 metros de altitude, no sopé do parque natural da Serra da Estrela, encontra-se a cidade da Covilhã. O tempo de vivência e permanência fomentou uma relação emocional e afetiva pela cidade e a serra. O contacto direto com a região permitiu reconhecer qualidades intrínsecas na paisagem da Serra da Estrela e concluir acerca do seu insuficiente reconhecimento no contexto do turismo nacional. A Serra da Estrela tornou-se num destino sazonal, dependente das condições meteorológicas, mais precisamente da presença de neve. Todo um potencial desperdiçado pela insuficiente valorização de um património natural único.

Na intenção de desenvolver um projeto em contexto paisagístico natural aliada ao desejo de enaltecer e promover a paisagem da Serra da Estrela, surge a *anamnese*^[2]. O conceito *anamnese*, que na sua vertente filosófica alia memória e conhecimento, serve aqui de referência à preocupação que justifica e resume o esforço e a dedicação em ‘trazer de volta’ o prestígio desta região, expondo as suas qualidades que a ‘memória’ foi perdendo. Em paralelo, o conceito *anamnese*, alia a vontade de ‘reanimar’ e refletir acerca da consciência, muitas vezes ‘esquecida’ mas fundamental, na sensível relação de uma intervenção arquitetónica com a paisagem e com o lugar.

[1] Siza, Álvaro. (2009). Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, p.17.

[2] Anamnese: do grego *ana*, trazer de novo e *mnesis*, memória.

PROPOSTA E OBJETIVOS

“Portugal é dotado de belíssimos sítios naturais e os nossos passados deixaram-nos excelentes lições quanto ao equilíbrio sítio-edifício, mas em face dos crimes que vemos cometerem-se aqui e ali contra a paisagem, não será difícil concluir que tal sentimento de equilíbrio abandonou os nossos contemporâneos pois que, de um modo quase geral, quando um edifício de hoje se instala num sítio, perdem-se um e o outro por ausência de relações correctas entre ambos. E se um mau edifício pode ainda ser suportável numa rua ou numa praça, na medida em que estas dominem sobre ele, um edifício mal relacionado com um sítio significa todo um extenso trecho de paisagem destruído, toda uma oportunidade perdida”^[1].

Considerando as motivações que impulsionaram este trabalho, começou por se entender em que medida uma proposta poderia incorporar um programa que se relaciona-se com as intenções pretendidas e que fosse em paralelo uma resposta as necessidades locais. Foi efetuada uma extensa pesquisa de cartografia, iconografia e bibliografia, juntamente com visitas regulares à Serra da Estrela, e a outros lugares considerados determinantes, acompanhadas por apontamentos e levantamentos fotográficos. Este processo fez denotar que seria uma mais-valia a presença de uma estrutura vocacionada para a incrementação do conhecimento e divulgação do património ambiental da Serra da Estrela, com o objetivo de promover a interpretação da natureza, educação ambiental e fomentação do turismo do parque natural.

Esta conclusão motivou a abordagem e realização de uma solução projetual para a construção do proposto *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela*. Este pretende ser um equipamento cuja implantação no seio do parque natural da Serra da Estrela, permita em parceria com a componente educacional, interpretativa e cultural, a observação e contemplação da paisagem de forma instruída e direta.

A dissertação apresenta-se deste modo como um trabalho que pretende materializar estas intenções através do desenvolvimento de um projeto. Pela definição prática desta dissertação, onde o objetivo principal é a consolidação de uma proposta arquitetónica de um *Centro de Observação e Interpretação no contexto da Serra da Estrela*, o presente documento escrito tem como objetivo a justificação e descrição das ações formais e projetuais que tiveram participação na génese da proposta, evitando a exposição de temáticas de cariz teórico que fundamentam e alicerçam as ações projetuais.

Assumindo o compromisso, e consciente da responsabilidade que o arquiteto Fernando Távora evidencia, a intervenção pretende colaborar em parceria com a natureza, estimulando o vínculo e relação com a paisagem através do contacto direto e do estudo minucioso de cada ação. O objetivo da presente dissertação consiste numa proposta de uma metodologia projetual de arquitetura, tendo a paisagem como ponto de partida e chegada na interpretação do lugar e na intervenção arquitetónica.

[1] Távora, Fernando (2006). Da organização do espaço. Porto: FAUP, p.59

METODOLOGIA E ESTRUTURA

Dado que o projeto proposto está orientado para uma intervenção de forte relação com a paisagem natural, foram identificados os critérios indispensáveis para a compreensão de uma intervenção deste tipo, relacionados com o conhecimento do lugar, o valor da paisagem e o método de transformação 'da e na' paisagem por meio da arquitetura.

Desta ideia surge a metodologia e estrutura deste trabalho que se organiza em três capítulos, que completam a tríade PAISAGEM-PROPOSTA-CONSTRUÇÃO. Estes constituem efetivamente o corpo do documento e pretendem encadear o processo da proposta, partindo duma observação mais alargada (a paisagem) estreitando-a até ao detalhe do projeto.

Partindo do geral para o particular, o primeiro capítulo, PAISAGEM, aborda o contexto natural em questão, a Serra da Estrela, percebendo os seus atributos, a sua valorização e a sua importância no cenário do turismo nacional. Este capítulo pretende encetar a compreensão do contexto da paisagem, com a qual se pretende criar um intenso vínculo, na intenção de estimular e promover a sua leitura e interpretação. Este compromisso teve início com a recolha de todos os elementos possíveis referentes ao lugar, elaborando uma primeira pesquisa e análise de informação através de recolha bibliográfica. Não se pretende que este capítulo seja entendido como meramente descritivo ou factual, mas antes, direcionado para os objetivos deste trabalho, constituindo informações úteis para a compreensão do sítio e para a consequente proposta apresentada.

O segundo capítulo, PROPOSTA, apresenta o encadeamento de decisões e soluções que tiveram fundamento na génese do *Centro de Interpretação e Observação da Paisagem da Serra da Estrela*. Em paralelo com o levantamento bibliográfico e cartográfico, a visita regular e a recolha e registo de dados *in situ*, através de fotografias, desenhos, da experiência sensorial e memorização, revelaram-se essenciais na leitura e compreensão do cenário em estudo. Esta relação direta e intensa com o lugar tornou-se no método que suscita a evocação da participação da natureza na génese e no desenvolver da proposta. Identificadas as diretrizes da intervenção que contribuam significativamente para a valorização e a coesão do lugar, desenvolve-se a proposta que se potencializa pela comunhão direta com a paisagem.

O terceiro e último capítulo, CONSTRUÇÃO, expõe as decisões de cariz construtivo que providenciam e tornam possíveis as intenções pretendidas na PROPOSTA. A metodologia apresentada fundamenta-se na pesquisa e estudo das soluções que assegurem a exequibilidade e coerência do projeto, adequando as soluções construtivas às intenções projetuais, não o contrário.

Assim, este trabalho pretende envolver o leitor com o enredo que tomou a PAISAGEM como protagonista, tendo em vista uma PROPOSTA ajustada e vinculada ao lugar, na qual se valoriza com sensibilidade e minúcia cada decisão, viabilizando a sua CONSTRUÇÃO.

PAISAGEM

“Inúmeras vezes deambulamos pela natureza livre e avistamos, com os mais variados graus de atenção, árvores, cursos de água, prados e searas, colinas e casas e outras mil alterações da luz e das nuvens mas, lá por atendermos a um pormenor ou contemplarmos isto ou aquilo, ainda não estamos conscientes de ver uma paisagem.”

Georg Simmel em “A Filosofia da Paisagem”

SERRA DA ESTRELA





Fig.1: (na página anterior) Serra da Estrela.

Fig.2: (em cima) Ponto mais alto de Portugal Continental, "Torre".

A 1993 metros de altitude, *onde a terra se encontra com o céu*, pode contemplar-se o ponto mais alto de Portugal Continental, a Serra da Estrela. O processo geológico encarregou-se da orografia, fauna e flora que complementam e resultam numa paisagem que a cada olhar promete inspirar artistas, músicos, poetas, arquitetos, etc.

A Serra da Estrela faz parte da mais vasta cordilheira denominada Sistema Central, no subsistema montanhoso Montejunto-Estrela e a 16 de Julho de 1976 foi constituída como parque natural da Serra da Estrela, tornando-se na maior área protegida em solo português.

Inserem-se em seis municípios: Guarda, Manteigas, Gouveia, Seia, Celorico da Beira e Covilhã, todos situados no distrito da Guarda exceto a Covilhã que se insere no distrito de Castelo Branco. A "Torre", o ponto de maior altitude de Portugal Continental, é partilhado e serve de limite a quatro freguesias: São Pedro (Manteigas), Loriga (Seia), Alvoco da Serra (Seia) e Unhais da Serra (Covilhã). Diz-se, embora tal não seja confirmado, que o rei D. João VI teria no início do século XIX mandado erigir aqui um monumento em pedra, uma torre com 7 metros, de modo a completar a altitude de 2000 metros, sendo a origem do nome atribuído a este destino.

A posição geográfica da Serra da Estrela, com influência atlântica, continental e mediterrânica, em parceria com a altitude, conferem a esta região uma grande diversidade climática que resulta em invernos instáveis e rigorosos com a intensa precipitação de neve, e com verões austeros e secos. As temperaturas mais baixas de Portugal são registadas no cume da Serra da Estrela, onde os termómetros já atingiram os quase $-20\text{ }^{\circ}\text{C}$ no inverno. Estas condições determinam um património biológico, geomorfológico, cultural, edificado e paisagístico único.

A Serra é também rica do ponto de vista hidrológico pois constitui o maior reservatório de água doce do país. Geralmente de origem glacial, outras com intervenção humana, a serra conta com 25 lagoas, das quais se destacam a lagoa comprida, sendo a de maiores dimensões e a lagoa Viriato, cujo reservatório abastece a cidade da Covilhã. A água tem como principais usos a produção da energia elétrica, o abastecimento público, as atividades agrícola e industrial, o recreio e lazer. Deste maciço escorrem numerosas linhas de água que beneficiam as três maiores bacias hidrográficas do país: Douro, Mondego e Tejo.

A Serra da Estrela apresenta, também, uma componente antropogénica bastante elevada. Desde há muitos anos que a pastorícia e a agricultura desempenham um papel social e cultural muito importante na região, proporcionando, também, valores únicos na paisagem. Aliados a estes valores existem, ainda, o artesanato, a silvicultura, a apicultura e o turismo como fontes importantes da economia da região.

Todas estas características tornam o património da Serra da Estrela num destino meritório de ser divulgado e visitado de forma conhecedora, consciente e responsável.

TURISMO DA SERRA





Fig.3: (na página anterior) Paisagem da Serra da Estrela coberta de neve.

Fig.4: (em cima) Estância de turismo de Penhas da Saúde, a 1500m de altitude.

A Serra da Estrela é reconhecidamente o mais importante destino turístico no interior do país, principalmente durante os meses mais frios nos quais, além da neve, da fauna e flora extraordinárias, o viajante é também atraído pela orografia de proporções colossais bem como pela riqueza humana, cultural, histórica e gastronómica da região.

Porém, a Serra da Estrela é um local procurado essencialmente pela neve, um recurso natural explorado de forma massiva, tornando o clima no fator essencial para a percepção da atratividade do destino por parte dos consumidores/turistas. O clima específico no contexto de Portugal, torna-se numa vantagem competitiva, mas revela também alguma volatilidade pela dependência de fenómenos climáticos. Porém, esta falsa sazonalidade atrativa, acredita-se, deve-se à falta de desenvolvimento na área de turismo e à precária e debilitada partilha e valorização deste património natural. A vivência e contacto direto com a região permitem reconhecer a capacidade da Serra da Estrela em se tornar num destino atrativo durante todo o ano, pela dinâmica de panoramas e atividades que proporciona.

A Serra da Estrela está demasiadamente marcada pela neve, visita à Torre e à estância de esqui, o que revela que as outras áreas ou variáveis não estão devidamente desenvolvidas e comunicadas, sendo que a Torre e a neve representam muito pouco da potencialidade do parque natural. O carácter único do Planalto Central da serra, e o seu isolamento geográfico, gerou habitats únicos, que se tornam essenciais ao nível da fauna e da flora o que determinou que em 1993 o Conselho da Europa lhe atribuisse o estatuto de Reserva Biogenética e em 2000 fosse classificada na Rede Natura 2000. Na Serra da Estrela há lugares para visitar e se apaixonar, pois esta guarda tesouros magníficos mas, para lhes sentir o sabor o viajante tem de percorrer os seus trilhos e ir até aos ambientes singulares que só a Serra da Estrela pode proporcionar. Porém, reconhece-se que para aumentar a procura e experiência destes cenários, é necessário intervir nos meios de divulgação de conhecimento que colaborem vincadamente na estimulação e promoção da sua visita.

No sopé da serra, a 600 metros de altitude, a cidade da Covilhã destaca-se pela influência e interação que estabelece com o parque natural. Rica em património natural, cultural e imaterial, tem progressivamente colaborado na devida notoriedade e proteção desta região. No caminho entre a cidade da Covilhã e o acesso à Torre encontra-se a aldeia de Penhas da Saúde, umas das mais importantes e procuradas estâncias de turismo da serra. Penhas da Saúde é uma localidade no município da Covilhã, localizada no coração da Serra da Estrela, agraciada com um belo cenário montanhoso, a 1500 metros de altitude. A procura por este destino é fundamentada pela disponibilidade, quantitativa e qualitativa, de estruturas e serviços de apoio ao turismo como hotéis, pousadas, museus, restaurantes e lojas de turismo.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

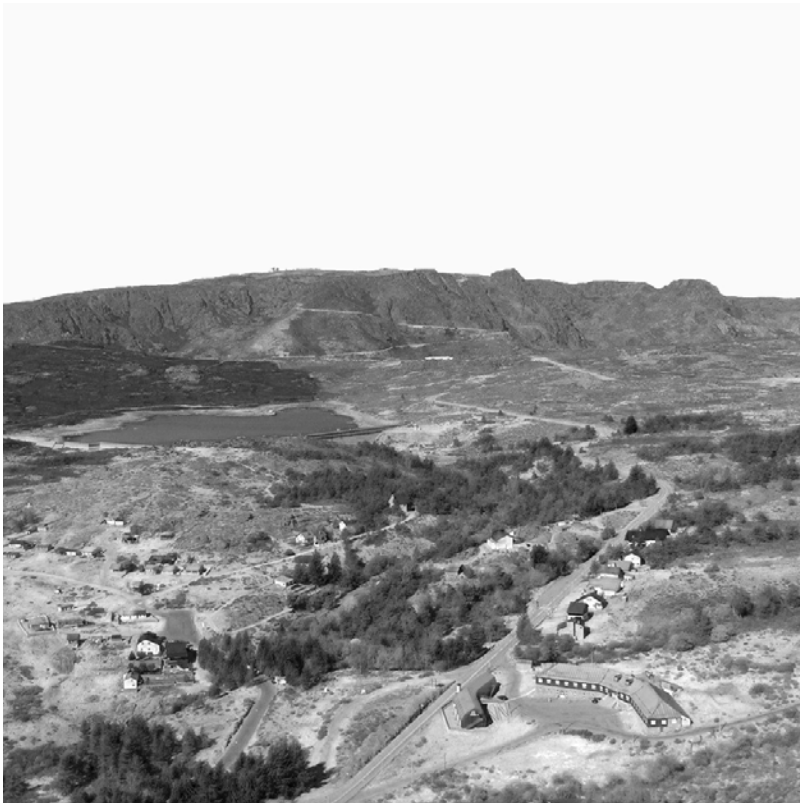




Fig.5: (na página anterior) Fotografia aérea da área de intervenção.

Fig.6: (em cima) Imagem de satélite que delimita a área de intervenção. À esquerda o ponto de controlo de acessos à Torre, e à direita a estância de turismo de Penhas da Saúde.

Uma vez que a proposta partiu de uma intenção sem um local estipulado e preciso, a escolha do lugar que abraçaria a proposta tornou-se num dos pontos essenciais e relevantes a abordar. A infinidade de opções tornou este processo complexo, o que induziu uma cuidada análise da região.

Sem *parti pris*, demos início a um processo de análise e interpretação da região, no qual a visita regular e a investigação de documentos e cartas topográficas amplificaram a afinidade com o local. O contacto direto e emocional com esta região permitiram reconhecer a cidade da Covilhã como a mais importante “porta” de entrada da Serra da Estrela, a cerca de 20 km da Torre, o ponto mais alto de Portugal continental. A serra e a cidade estabelecem uma relação de simbiose, proporcionando benefícios mútuos, na qual a cidade oferece recursos e serviços ao turismo da serra, e a serra dispõe do seu carácter de atração turística e promove a economia da cidade. Este vínculo fez concluir que a proposta se deveria implantar em território do município da Covilhã favorecendo ambas as partes.

Com a intenção de tornar o objeto arquitetónico num ponto de boas vindas ao parque, assumiu-se que este deveria ser visível desde a via que estabelece o acesso entre a Covilhã e a Torre, tornando-o num ponto obrigatório de passagem, com o propósito de fomentar a sua visita. Sendo o programa um centro de interpretação, a visita prévia antes de partir à descoberta do parque, torna-se uma mais valia, pelo conhecimento e consciência que transmite, enriquecendo a experiência da exploração do parque natural.

Com a finalidade de prevenir acidentes rodoviários e complicações, devido às más condições meteorológicas durante os meses frios, o acesso ao maciço central da Serra da Estrela é ocasionalmente impedido. Com o propósito de viabilizar a proposta e evitar futuros problemas de acessibilidade, conclui-se que a intervenção deveria anteceder o local que permite o controle e encerramento do acesso à serra.

Tirando partido da paisagem e das preexistências, a proposta pretende promover o turismo das infraestruturas oferecidas pela estância de Penhas da Saúde, colaborando em uníssono na estimulação e promoção do singular património do parque natural.

Da fusão e sobreposição destas deduções resultou o trecho de território entre a estância de Penhas da Saúde e o cruzamento que permite o controlo de acesso à Torre, uma extensão com cerca de 3km de distância.

A cerca de 1500 metros de altitude, envolvidos por uma paisagem *sui generis* percebemos o difícil caminho que teríamos pela frente em reconhecer o lugar que estaria disponível à sua intervenção. Por agora, esta análise não nos tinha dado mais do que uma extensa área de estudo que, pela falta de referências ou instruções, exigia uma aproximação intensa e delicada.

PROPOSTA

“A civilização é uma educação de natureza. O artificial é o caminho para uma apreciação do natural.

O que é preciso, porém, é que nunca tomemos o artificial por natural.

É na harmonia entre o natural e o artificial que consiste a naturalidade da alma humana superior.”

Fernando Pessoa em Livro do Desassossego

I

IN SITU



ROCHEDO





Fig.7: (na página anterior) Arnold Böcklin, “A ilha dos mortos”, 1880.

Fig.8: (em cima à esquerda) O destaque do rochedo no contexto da paisagem.

Fig.9: (em cima à direita) O Rochedo.

Sem ideias pré definidas ou conceitos *a priori* iniciamos a procura pelo lugar que serviria de porto para o projeto proposto tendo como premissa fundamental a leitura e interpretação da paisagem. A visita à Serra em intervalos regulares provou ser o método primordial e fundamental pela forma como a observação contínua, a análise e o registo *in situ* permitiram entender perspectivas, transformações e particularidades do lugar. A exploração imersiva e direta resultou na garantia do estudo e compreensão das especificidades da paisagem. Neste compromisso, a ida ao lugar e o registo através de desenhos, fotografias e sobretudo a experiência sensorial e memorização foram indispensáveis. O jogo entre movimento, contemplação e interpretação são a essência desta diligência que implicou o emprego do corpo e dos sentidos na sua totalidade.

A ausência de referências diretas, como construções existentes ou limites, que geralmente constituem coordenadas seguras para a elaboração de um projeto implicava ter em conta outras relações. “É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles”^[1]. Nesta sequência, numa visita ao local um elemento seduziu o olhar. Um rochedo. O seu caráter estático, sólido e austero faziam contrapor com a sua aparência escultórica e graciosa. A sua presença evocava a imagem do quadro de Arnold Böcklin “a ilha dos mortos” (fig.7) pela sua implantação isolada, escala e figura. O aspeto deste aglomerado rochoso elucidava um monumento edificado pela natureza numa ode à paisagem pela sua postura e realce que o evidenciava e destacava no contexto natural.

A afeição por este singular rochedo fez intuitivamente associar este como o lugar ambicionado para a implantação do proposto centro de interpretação e observação da paisagem da Serra da Estrela. Porém, com análise mais profunda deste pensamento entendemos que esta não seria a melhor opção uma vez que deste modo estaríamos a asfixiar e reduzir algo que precisava do seu habitat e que merecia ser protagonista deste cenário. Esta ideia implicava por isso refletir sobre esta conclusão e ponderar sobre o caminho a seguir.

Abordada esta questão com responsabilidade e consciência do cuidado necessário sobre o tema, concebeu-se a noção que mais do que se apoderar e dominar sobre este, o mais interessante e justo seria coloca-lo em evidência e enfatizar a sua existência estabelecendo um vínculo entre este rochedo e a proposta.

Uma atração à primeira vista que tomou a paisagem como protagonista onde a natureza surge deste modo como pressuposta origem da diretriz da proposta.

[1] Saramago, José (2009). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.

ALINHAMENTO





Fig.10: (na página anterior) Walking line in Peru, Richard Long, 1972.

Fig.11: (em cima à esquerda) O alinhamento entre o rochedo e o muro da lagoa Viriato.

Fig.12: (em cima à direita) Imagem de satélite que permite confirmar o alinhamento.

Um rochedo. Esta era a valiosa referência e por agora a única pincelada nesta tela outrora em branco. O vínculo com este elemento natural fortalece a relação com a paisagem e tornou-se deste modo o promotor da génese de uma intervenção *site-específica*^[1] na natureza.

Deste local podemos contemplar uma paisagem *sui generis* que promove a observação e reflexão. O contexto é analisado com a percepção que este não pode ser lido como um fator passivo, mas antes pelo contrário, procurar nele o ingrediente ativo capaz de transformar, ele próprio, em matéria construtiva da própria arquitetura. O diagnóstico do território procura sintetizar o essencial, diluindo as limitações e enaltecendo as potencialidades do sítio. Este estimulante desafio em contacto e colaboração direta com a natureza, torna-se a abordagem principal que se acredita capaz e lógica de encaminhar este processo.

Rodeado por um contexto natural ímpar, os olhares partem em todas as direções e todos os sentidos se despertam a cada movimento. Ao redor, 400 metros acima do nível onde se encontra este afloramento rochoso, pode-se ver o ponto mais alto da Serra da Estrela bem como a cidade da Covilhã que se encontra 900 metros abaixo. Cada enquadramento revela-se único, mas o que ressalta a atenção é a presença de uma lagoa artificial, a lagoa Viriato (fig.11). A sua individualidade, escala e proximidade visual fascinam o olhar pela moldura que concebe, onde a água, o ar, a terra e o calor forte do sol se reúnem e se completam.

Fascinados, num instante, toda atenção era dedicada a apreciar e compreender esta emoção curiosa. Não demorou até que se constatou o inesperado, um alinhamento. Neste ambiente de desordem, onde tudo parecia existir por si mesmo, expõe-se um alinhamento entre o rochedo e o muro de betão que sustentava as águas da lagoa Viriato. Uma forte relação entre um elemento natural e um elemento artificial. Teria sido o homem a relacionar-se com a natureza ou a natureza a relacionar-se com o homem? Talvez fosse apenas um acaso feliz. Neste momento fazíamos-nos recordar das palavras do arquiteto Siza Vieira: “o objetivo consistia em delinear, naquela imagem orgânica, uma geometria: descobrir aquilo que estava disponível e pronto para receber a geometricidade. Arquitetura é geometrizar”^[2]. Mais do que perceber o que estaria disposto para receber a geometria, a paisagem parecia ter delineado um caminho. Ao estilo das intervenções de *land art* do artista Richard Long, de forma inconsciente e liberta de intenções, percorremos então esse caminho, em linha reta, deixando para trás o rasto desta atividade, e a marca do movimento com o objetivo de aprofundar esta percepção.

[1] O termo *site-specific* surge no mundo das artes nas décadas de 1960 e 1970, decorrendo de uma compreensão fenomenológica-experimental do lugar (o lugar enquanto aglomeração de atributos físicos).

[2] Siza, Álvaro. (2009) *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, p.27.

LUGAR





Fig.13: (na página anterior) Sahara Line, Richard Long, 1988.

Fig.14: (em cima à esquerda) O lugar.

Fig.15: (em cima à direita) Imagem de satélite com a definição do lugar.



Nesta dedicada procura pelo lugar, entende-se o alinhamento como motivador de uma conceção que se deduz ser de extrema importância, comprometendo a proposta a expor e intensificar o seu simbolismo. Nesta consciência, o intento foi encontrar o lugar entre os dois pontos de referência, o rochedo e o muro da lagoa Viriato, de forma a estabelecer com eles uma relação evidente.

Após a segunda guerra mundial, o modernismo na arquitetura revelava a sua noção de lugar enquanto *tabula rasa*, depois transformada no *terrain ideal* (Le Corbusier). Estas definições foram alvo de numerosas críticas com base na sua desconsideração pelas particularidades e das práticas regionais. Neste contexto, a crítica da arquitetura e do urbanismo do pós guerra procurou reinserir e validar a identidade local e o ambiente humano através de noções de lugar como *Genius Loci* que valoriza o “espírito do lugar” (Norberg-Schulz, 1970), o *regionalismo crítico* que aborda o tema de forma a remediar a indiferença em relação ao lugar identificando as forças do contexto regional (Kenneth Frampton, 1983), entres outras variantes. A abordagem adotada é baseada numa atitude essencialista e centrada numa aproximação fenomenológica, que gera, conhecimento através de experiências diretas e de imersão no lugar.

Entende-se que o lugar, enquanto espaço físico, não corresponde a um ponto nem qualquer coisa de fixa ou concreta, mas assume-se mais como um momento dentro de um movimento do qual participamos. Com base nestes argumentos e ideologias, encontra-se aquele que se entende como o porto que permitirá ancorar o projeto proposto, resultado de uma decantação e apuramento de todas as características reunidas. Revela-se o lugar pelo seu valor intrínseco, horizontes e enquadramento. Como se pode observar pela figura 15, o alinhamento entre estes dois pontos é intercetado pela estrada que permite o acesso ao ponto mais alto da Serra da Estrela. O seu traçado sinuoso elucida que quando se desenhou, esta se tentou desviar de algo. A implantação de um edifício nesta posição deixaria em aberto a dúvida acerca da cronologia da criação da estrada e do edifício pela forma como esta se comporta. Abordando este *locus*, este revelou um conjunto de particularidades relevantes e valiosas. O lugar conduz o olhar, como pela mão de uma criança, com candura, enquadrando horizontes diferenciados. A harmonia entre os contrastes destes panoramas transforma este lugar num incomum miradouro de onde se pode avistar as torres do ponto mais alto da Serra da Estrela (a 2000 metros de altitude) e a cidade da Covilhã (a 600 metros de altitude), a paisagem virgem e inalterada pelo Homem (habitat natural de várias espécies de fauna e flora) e o povoado de Penhas da Saúde, a Lagoa Viriato que representa as várias lagoas glaciares presentes na serra. Todas estas particularidades e relações aumentaram a afinidade e fascínio por esta localização.

||

IMPLANTAÇÃO



TOPOGRAFIA



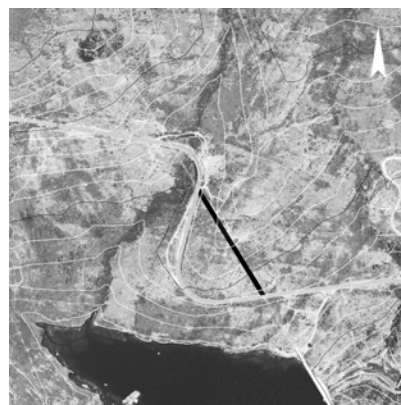


Fig.16: (na página anterior) Doble negatice, Michael Heizer, 1970.

Fig.17: (em cima à esquerda) Perspetiva do lugar deste o rochedo, de onde se pode entender o alinhamento.

Fig.18: (em cima à direita) Planta topográfica do local.

O meio circundante, a paisagem, incute respeito e aconselha cautela nas decisões tomadas. O lugar ensina e exige que apesar da sua posição privilegiada e do conseqüente espanto e exaltação, onde de tão longe se tem tudo tão perto, é necessário tomar esta paisagem sem pretensiosismos, com simplicidade e atrevimento de forma controlada e equilibrada.

O lugar localiza-se a 12 km da cidade mais próxima, a Covilhã, e a 6 km da torre, o ponto mais alto da Serra da Estrela. A menos de 1 km encontra-se Penhas da Saúde, aldeia que pertence ao município da Covilhã e que se tornou numa das maiores estâncias de turismo da serra pelo belo cenário montanhoso e onde se podem encontrar várias infraestruturas e serviços essenciais ao turismo da serra. O lugar, a 1550 metros de altitude, caracteriza-se essencialmente pela paisagem granítica e por vegetação rasteira, com pontuais registos de pinheiros, bétulas e carvalhos que resistem as rigorosas diferenças climáticas durante as diferentes estações do ano. A topografia apresenta-se como um monte com a cota mais elevada a 1595 metros de altitude que diminui, na direção do alinhamento exposto, para noroeste e para sudeste (fig.18). O alinhamento entre a rocha e o muro da lagoa Viriato, interseta esta topografia no sentido noroeste sudeste, que coincide perpendicularmente com o desnível do terreno. Esta característica topográfica, ainda que aparentemente pareça de complexa abordagem, deve ser ela mesmo ingrediente da proposta, como reconhece o arquiteto Siza Viera: “Assim é o traçado que deve adaptar se à topografia enquanto arquitetura, bastante simples, encontra a difícil relação com o terreno o seu extraordinário carácter”^[1]. Nesta localização irrepetível e singular, a proposta pretende assim, otimizar as condições criadas pela natureza onde a arquitetura pretende manter com o terreno uma relação de tal modo próxima, que comunique um nascer, um irromper da topografia.

Dalí, a Sul, pode contemplar-se a Lagoa Viriato, e perder-se nos variados planos pelo extenso horizonte alcançável, a Este avistar-se a estância de Penhas da Saúde e a Oeste testemunhar as torres que simbolizam o ponto mais alto de Portugal Continental.

A arrebatadora e estimulante experiência que se tem no inverno promovida pela neve branca, a neblina densa e a vegetação adormecida enaltece o vigor dos contrastes durante as diferentes estações do ano que contrapõe com a o ambiente firme e severo do verão, sob a intensa luz do sol, as rochas expostas e a vegetação abundante. Esta dinâmica de ambientes proporciona e confere diferentes atmosferas e panoramas ao objeto proposto.

Pelo facto da experiência do local ser inevitavelmente marcada pelo caráter da topografia, procedeu-se a um intenso e detalhado estudo e análise da geografia local de modo a aumentar a relação, a percepção e conhecimento acerca do mesmo. Este processo foi baseado tanto na exploração e recolha de informação *in situ* como através da leitura de cartas topográficas.

[1] Siza, Álvaro. (2009). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, p.95.

VOLUME





Fig.19: (na página anterior) Sea level, Richard Serra, 1996.

Fig.20: (em cima à esquerda) Esquema que representa a implantação do volume no lugar.

Fig.21: (em cima à direita) Planta esquemática de implantação.

Refutando qualquer ostentação gratuita de simbolismo, a proposta avança com o cuidado de utilizar o lugar como referência, adaptando-se a ele, evitando imposições e preconceitos. “As obras do homem devem manter com a natureza uma relação significativa, quer se trate de unidades independentes ou de uma rede de centros interdependentes. Em ambos os casos a intenção é integrar o homem na terra por ele habitada. Esta relação funcional deve necessariamente ir ao encontro de uma forma exterior correspondente. Só quando a relação entre a natureza e a obra do homem é significativa a forma tem caráter e satisfaz”^[1]. O objetivo da proposta parte da ideia de uma presença singela na paisagem sem que, por isso, se torne numa construção sem caráter. A questão essencial neste processo de transformação do lugar natural, deve conceber a arquitetura como o mais forte signo na paisagem. Forte não significa, no entanto, uma grandeza de escala ou peso visual, mas refere-se ao significado da intervenção. A partir do indefinido, a arquitetura, que tem a capacidade de conformar o lugar, deve torná-lo referência no tempo e espaço, e a sua presença deve valorizar a paisagem, como mecanismo e suporte da sua leitura, não como simples objeto mas como algo significativo e, simultaneamente, significador.

Deste modo, procura-se “encontrar a forma justa, a forma correta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir, circunstância”^[2]. Reunindo e interpretando toda a filosofia concebida até então, esboça-se a ideia de um monólito que se encastra na topografia e se enraíza na paisagem, de possível analogia figurativa com a *land art* “sea level” do artista Richard Serra (fig.19). A implantação deste volume segue o alinhamento assumido e, de modo a tirar partido da topografia, encastra-se no solo aflorando as suas extremidades em conformidade com o terreno (fig.20). Deste modo, de uma linha, nasceu um plano que se transformou num volume. Este maciço, sem se querer impor na paisagem, não exige nenhuma admiração, simplesmente está lá. O volume, pelo seu perfil, transfigura-se conforme o movimento em seu redor e posicionamento em relação a ele, mutando conseqüentemente a perspetiva e perceção da paisagem. O volume assume-se na sua extremidade e dissipa-se no horizonte onde se encontra com o solo, revelando-se novamente no extremo oposto. Esta sensação de infinidade enfatiza a ideia do alinhamento e desperta a curiosidade do visitante, promovendo e seduzido a sua visita e exploração.

O volume estabelece o vínculo com o alinhamento entre o rochedo e o muro da lagoa Viriato, adapta-se à topografia e usa como envolvente a paisagem existente, sendo o único vestígio da intervenção, o volume em si mesmo.

[1] Norberg-Schulz, Christian (1968) *A paisagem e a obra do homem*. In *Arquitetura: revista de arte e construção* No 102, p. 56

[2] Távora, Fernando (2006). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP, p.74

ACESSOS



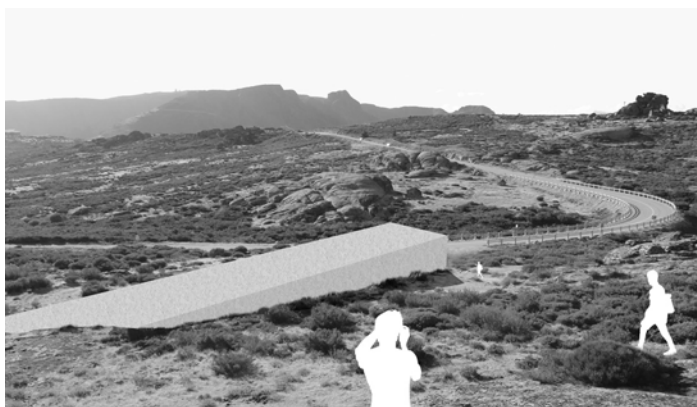


Fig.22: (na página anterior) The Floating Piers, Christo and Jeanne-Claude, 2016.

Fig.23: (em cima à esquerda) Perspetiva que representa os acessos ao equipamento, pedonal e automóvel.

Fig.24: (em cima à direita) Planta esquemática de implantação onde se definem os acessos ao equipamento.

A ligação com toda a zona envolvente, continuamente procurada, deu vida a um edifício sólido e autêntico, porém, a forma do objeto não pretende ser mais importante do que a forma do espaço em torno do mesmo, pois acredita-se que todas as partes devem resultar da interação constante e mútua. Graças ao edifício, a paisagem obtém extensão e delimitação, estabelecendo um lugar que carece agora de uma escala e presença humana. A fim de encaminhar e permitir a presença humana, é fundamental a consideração e definição dos acessos e da forma como o objeto proposto comunica com as vias preexistentes. Esta questão já tinha sido posta em causa e considerada aquando do posicionamento e implantação do volume, de forma a evitar complicações futuras no decorrer da proposta.

A proximidade com a principal via que permite a circulação e ligação entre a Covilhã e o ponto mais alto da Serra da Estrela favorece e proporciona, deste modo, o acesso ao edifício. Nesta ideia, surge como opção a entrada e saída do trânsito automóvel pelos extremos do edifício pela confrontação e proximidade com a estrada. Pela morfologia e caráter do volume e pela topografia local definiu-se a extremidade Noroeste como a única entrada automóvel. Esta conceção evita a necessidade de se ter que planejar caminhos de acesso automóvel secundários na paisagem, promovendo as relações do objeto com a envolvente, tirando partido e enaltecendo as preexistências, o que viabiliza e incrementa a opção da implantação.

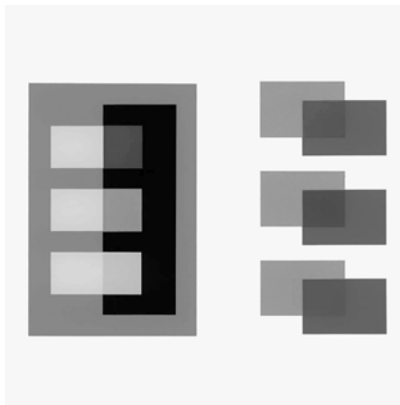
Os acessos pedonais, paralelamente ponderados e refletidos, resultam do interesse de oferecer o acesso livre. O edifício ancorado no seio de um contexto natural não se mostra compatível com percursos forçados, assim, planeia-se uma entrada pela cobertura do edifício, acessível desde qualquer ponto da envolvente. A oportunidade do visitante poder vaguear e desfrutar da relação direta com a paisagem e estabelecer o seu próprio trilho fomenta e cultiva a liberdade, onde cada pessoa se sente parte integrante da intervenção. De forma a manter o acesso a pessoas com mobilidade condicionada, prevê-se que este disponha também de entrada direta pelo interior do equipamento.

A implantação do objeto entre o acesso que faz a ligação entre a cidade da Covilhã e a Serra da Estrela, fomenta a sua visita pela fácil visibilidade, o que intensifica a viabilidade da proposta. O seu posicionamento pretende tornar esta entrada para a Serra da Estrela como um ponto de boas vindas no qual se pode adquirir conhecimento acerca do património da região e posteriormente seguir a exploração direta de forma responsável, consciente e conhecedora.

Desta forma pode se concluir que os acessos ao edifício preexistiam, tanto os pedonais como automóvel, os quais resultam da forma como a proposta se apodera e faz uso da envolvente fomentando a dúvida acerca da cronologia das ações deste lugar.



ANATOMIA



PROGRAMA





Fig.25: (na página anterior) The Way North and South, Carl Andre, 1975.
 Fig.26: (em cima) Organograma do programa proposto para o equipamento.

Antes de partir para a conceção dos espaços interiores, é necessário refletir e eleger com consciência e ponderação as partes que completam o todo e entender as relações que se estabelecem entre si. O proposto *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela* pretende fomentar a intimidade do homem com a paisagem do parque natural. Resumidamente, o programa que se propõe, combina o carácter cultural de um centro de interpretação com a vertente de observação *in situ*, tirando partido da sua localização e aumentando o vínculo do objeto arquitetónico com o lugar e com a paisagem. A reunião destas duas vertentes proporciona uma experiência que se pretende mais rica e completa ao visitante.

A solução programática pode então ser dividida em duas dimensões principais: a primeira prende-se com um âmbito científico e cultural na qual se propõe a criação de espaços orientados para o desenvolvimento de exposições e atividades de educação ambiental e de valorização do património natural da Serra da Estrela. Pretende-se que esta seja uma estrutura multifuncional, apta a criar e receber eventos expositivos, artísticos, científicos e formativos, colmatando a necessidade de um espaço deste género na região. Esta vertente será constituída por um auditório, salas de formação, centro de documentação e espaços expositivos que, pela sua importância e relevância, representam a maior parcela. A área expositiva assume a maior carga programática pois resulta do conjunto de espaços de leitura, interação e aprendizagem e pela implementação de espaços de paragem para fruição, introspeção e contemplação da paisagem. A segunda vertente do programa compreende os espaços de apoio e de prestação de serviços ao conjunto da proposta. Os elementos a desenvolver serão: espaço de estacionamento, instalações sanitárias, recepção, posto de turismo e loja de comércio de produtos turísticos, um restaurante e uma cafeteria. Estes têm a capacidade de viabilizar e rentabilizar, de certo modo, a intervenção, aumentando a qualidade e as receitas próprias. Pretende-se que tenham um papel secundário, mas que ainda assim, promovam a captação e retenção de público, encaminhando os visitantes e orientando os fluxos de visita. Em alguns casos, nos centros de interpretação, são planeados albergues que permitem a estadia temporária de visitantes e turistas, porém nesta proposta optou-se por não cumprir esta premissa. Esta opção deve-se à extrema proximidade do edifício da estância de turismo de Penhas da Saúde (1 km) que providencia em grande escala e com grande diversidade e qualidade este serviço, com o qual o centro proposto não pretende competir, mas sim colaborar e promover a utilização dos serviços locais e incentivar as infraestruturas de turismo da região.

Este programa constitui um equipamento específico dedicado à valorização, proteção e divulgação do parque da Serra da Estrela nos seus diversos universos, tirando partido das ambiências intrínsecas do sítio, reivindicando o olhar sobre a paisagem.

TRAÇADO

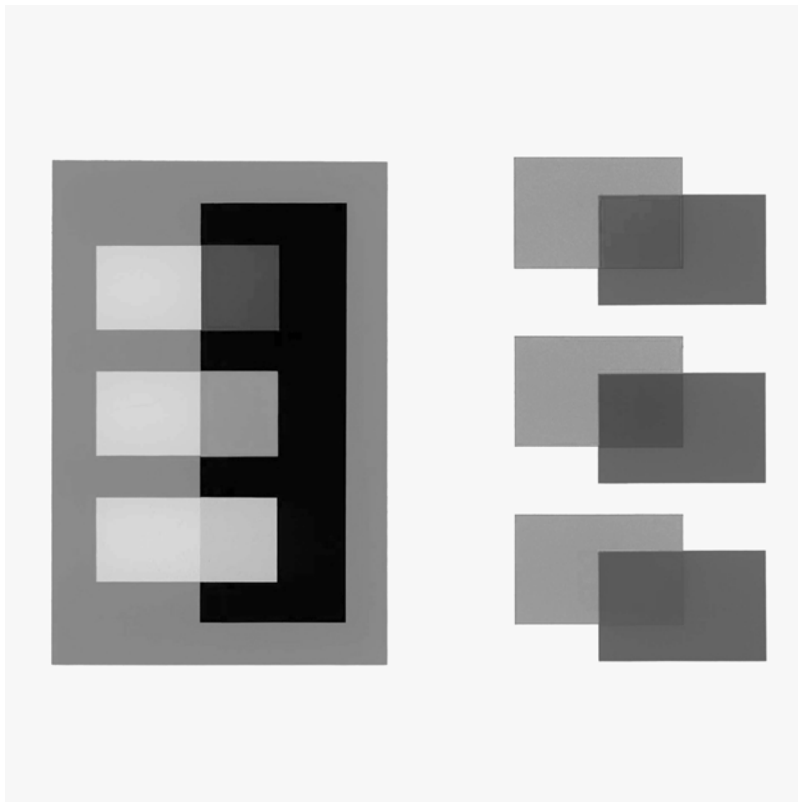




Fig.27: (na página anterior) Interaction of Color, Josef Albers, 1963.

Fig.28: (em cima) Diagrama do traçado que estrutura a organização do equipamento.

Louis Kahn preconizava que antes de qualquer ação de projeto deveria ser ponderada a pergunta: “o que um edifício quer ser?”^[1] Assim como Kahn se questionava o que é que o edifício quer ser, colocou-se aqui a interrogação análoga, aplicada à anatomia da proposta. Instaurou-se o processo que decorreu de maneira lenta e laboriosa pela necessidade de responder de forma simples e coerente a um programa delicado, na tentativa de estabelecer coincidência entre forma e função e estimular relações e correspondências entre as várias partes, como se pode confirmar na citação do arquiteto Peter Zumthor quando afirma que “a construção é a arte de formar um todo com sentido a partir de muitas partes”^[2].

Pela necessidade programática, a proposta começou por definir que o edifício se dividisse, de grosso modo, em dois grandes domínios, a área técnica e de estacionamento e a extensão principal. Pela família e definição das restantes partes integrantes do programa, entendeu-se que este era composto por duas dimensões, a componente dos espaços de apoio e servidores e a vertente dos espaços principais e servidos. Esta noção concebeu a divisão do esquema da proposta em duas frações longitudinais do edifício e, deste modo, o projeto resulta da correlação de duas tipologias, as áreas de serviço e as áreas servidas, correspondendo aos espaços secundários e aos espaços principais. Esta opção resulta numa simbiose entre as duas partes que pela sua interdependência e associação estabelecem vantagens recíprocas e tornam-se num só organismo.

Pela morfologia do volume, foi necessário desenvolver o edifício na sua verticalidade, resultando numa divisão em três pisos que induz e dinamiza a *promenade* pelo edifício. Esta clara organização pressupõe a implementação de elementos de comunicação vertical, o que inicialmente, se interpretou como um inconveniente, mas que, com a abordagem e desenrolar da proposta se assumiu central na lógica da organização do equipamento. Criaram-se três blocos de acesso vertical que segmentam a extensão principal em quatro partes e que definem o ritmo da proposta, interpolando espaço principal e espaço de circulação. Esta clara configuração dos espaços deve ser apoiada por percursos que revelem clareza e liberdade. O arranjo e padrão criados, e o carácter longitudinal da proposta, inferiram a vontade de conectar visualmente os espaços criados, enaltecendo as relações e afinidades na extensão de todo o edifício.

A implantação do objeto, pela forma como se adapta e relaciona com o terreno, implica que o edifício esteja parcialmente enterrado. Deste modo, na disposição do programa pretende-se que se considere as necessidades e conveniências da luz natural e das relações com o exterior, favorecendo os espaços expositivos pela sua importância no estímulo do equipamento.

[1] Kahn, Louis (2009). *Conversa com estudantes*. Barcelona: Gustavo Gili, p. 28

[2] Zumthor, Peter (2009). *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gili, p.10.

ORGANIZAÇÃO



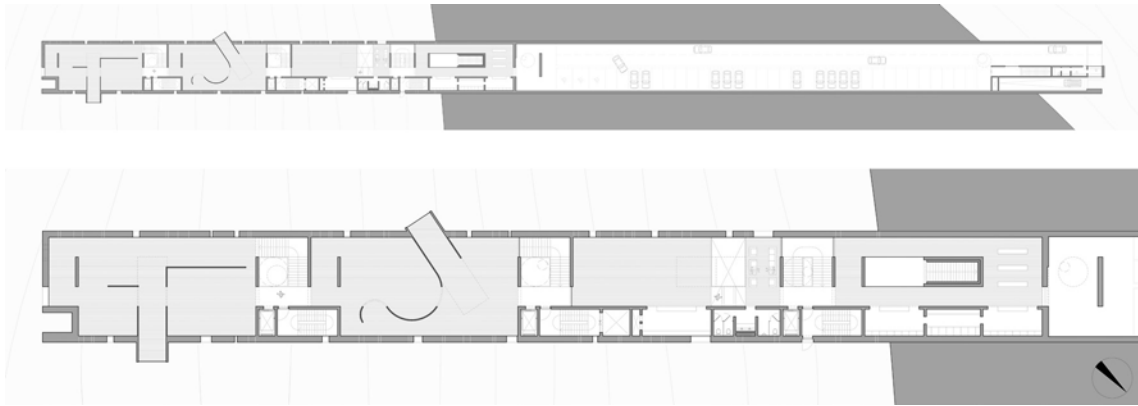


Fig.29: (na página anterior) Donald Judd. Marfa, Texas, 1980-1984.

Fig.30: (em cima) Planta do piso à cota $\pm 0.00\text{m}$.

Delineadas as soluções programáticas e compreendida a questão intrinsecamente arquitetônica das ambiências, das vivências e das experiências fenomenológicas que se pretendem alcançar com esta proposta, foi fundamental compreender e ordenar o programa em harmonia, em equilíbrio, com consciência e sensibilidade.

O projecto estratificou-se em 3 cotas, definidas por: piso à cota $\pm 0.00\text{m}$, piso à cota -4.00m , e piso à cota -8.00m , sendo o piso à cota $\pm 0.00\text{m}$ o que compreende o vestíbulo de entrada.

À cota de entrada, o extremo noroeste do edifício corresponde aos acessos automóveis para o edifício, tanto a entrada para o estacionamento dos visitantes como a entrada técnico-administrativa, porém ambas se realizam por vias diferentes, ainda que o seu funcionamento em paralelo permita o controlo com uma única portaria. O estacionamento do centro dispõe de 35 lugares, sendo que 3 equivalem a lugares de mobilidade reduzida, que pela sua natureza se posicionaram junto da entrada principal, contemplando a acessibilidade condicionada. Desde o estacionamento os visitantes têm duas opções: ou acedem ao interior do centro diretamente pela entrada que se encontra ao fundo e à mesma cota, ou podem sair pela escada que permite o acesso à cobertura e usufruir de um percurso alternativo, que como veremos mais à frente, enaltece a relação do homem com a paisagem. Este percurso pela cobertura culmina numa escada que coincide com o espaço de entrada pelo estacionamento, e deste modo, ambos os acessos planeados acedem ao mesmo vestíbulo, variando apenas a experiência que estes proporcionam. Este primeiro espaço, que corresponde ao hall de entrada, alberga também a loja e o posto de turismo, onde o seu posicionamento foi pensado com a intenção de que a sua presença definisse o fim e o início da visita. O posto de turismo, pela sua relação direta com a entrada, possibilita o seu funcionamento como uma estrutura independente, permitindo aos visitantes que facilmente recorram a este serviço. Intercalado pela caixa de escadas, segue-se a zona de cafeteria e restaurante. Este espaço, de acesso livre e direto, posiciona-se estrategicamente contíguo ao espaço de entrada e saída do Centro, com a finalidade de promover a sua visita e com o intuito de permitir o seu funcionamento independente e isolado do restante programa, evitando o cruzamento de circulações. Este serviço pretende promover e dispor da gastronomia e tradições locais revelando os sabores e costumes que definem e caracterizam esta região. Esta zona é apoiada por uma instalação sanitária e pela zona de atendimento. A restante área útil deste piso corresponde à fração da área de exposição permanente do *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela*.

Pelas exigências e necessidades de acessibilidade e mobilidade, associados as caixas de escadas do museu, planearam-se elevadores que facilitam e viabilizam a circulação a todo o público. Em paralelo, colmatando as primordiais questões de segurança, projetaram-se caixas

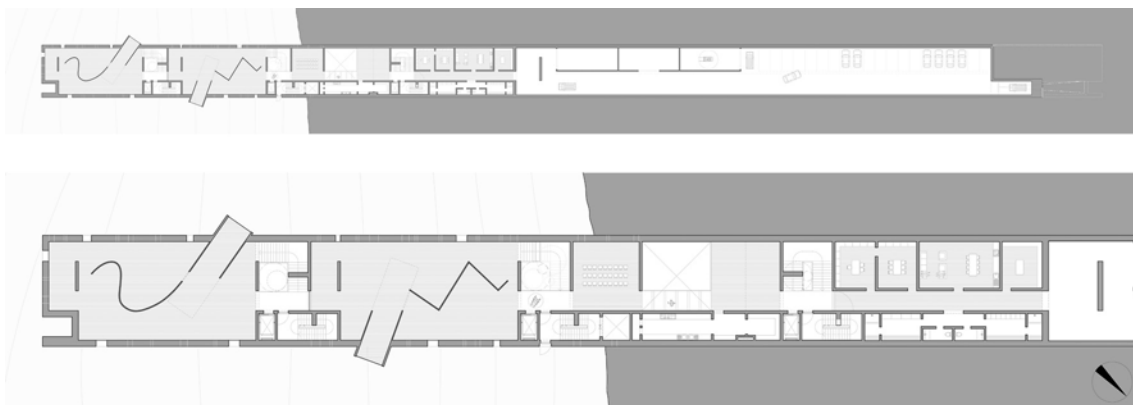


Fig.31: (em cima) Planta do piso à cota -4.00m.

de escadas de emergência das quais se criam percursos de evacuação claros e intuitivos, que direcionam o público diretamente para o exterior do equipamento em segurança. Desta forma, todos os elementos de comunicação vertical acedem-se desde o mesmo espaço, clarificando os percursos pelo edifício e enaltecendo a experiência da sua visita.

Abordando o piso à cota -4.00m, pode constatar-se que a entrada para as cargas e descargas, que equivale ao acesso técnico-administrativo à cota ± 0.00 m anteriormente mencionado, faz ligação com o piso à cota -4.00m através de uma rampa que permite o acesso à zona técnica, às áreas de arrumos, armazenamento do centro e do restaurante e faculto o acesso à zona de estacionamento a pessoal autorizado que colabore no centro de interpretação e observação no qual se planearam vinte lugares disponíveis. À mesma cota, do lado oposto, encontra-se o acesso direto ao interior do edifício, que coincide com a área administrativa do centro. Este setor, de acesso limitado e restrito a pessoal não autorizado, coincide com os espaços de utilização dos funcionários, como arrumos de limpeza, balneários, instalações sanitárias, área de convívio e refeição e os espaços administrativos que equivalem à sala de reuniões e sala administrativa. O conjunto deste programa completa a parcela de área destinada à diretoria e controle do centro. Ainda neste piso, encontra-se a cozinha que viabiliza o funcionamento do restaurante. As trocas entre a área de atendimento do restaurante no piso à cota ± 0.00 m, e o espaço de cozinha à cota -4.00m são asseguradas por dois monta-cargas, permitindo a separação do envio dos pratos confeccionados e do retorno da louça. O restante área do piso à cota -4.00m equivale a área de exposição que é bipartida em exposição permanente e exposição temporária.

O piso à cota -8,00m coincide com a receção e é o que representa o início da *promenade* pelos espaços expositivos. O balcão de atendimento da receção dispõe de bengaleiro e é apoiado por um espaço de arrumos. Ao chegar a este piso, o visitante depara-se com o *foyer* de receção que foi pensado e planeado com a intenção de possibilitar as mais variadas atividades, comportando-se como um espaço multifuncional e polivalente. Adjacente a este espaço, interposto pela caixa de comunicação vertical, existe um auditório com capacidade para 155 pessoas sentadas, ideal para a realização de conferências, colóquios e seminários. Este é apoiado por um camarim, uma instalação sanitária, um espaço de arrumos e conta com o auxílio de uma sala técnica que permite projeções e o controlo técnico e visual, dinamizando e promovendo maior diversidade de eventos. A relação contígua entre o *foyer* principal de faceta multifuncional e o auditório, permite correlações entre ambos, viabilizando e motivando várias exequibilidades como, por exemplo, eventos de palestras ou formação com a possibilidade de realizar serviços de banquete.

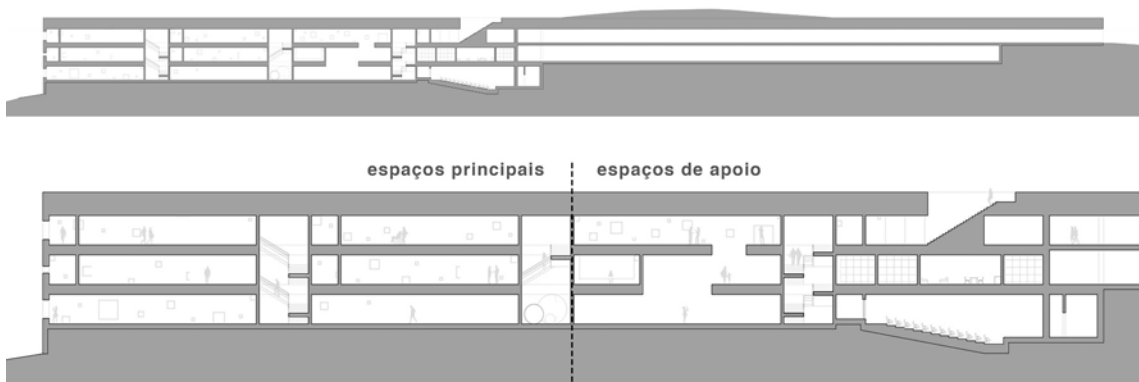


Fig.32: (em cima) Planta do piso à cota -8.00m.

No sentido oposto ao *foyer* da receção, inicia-se a visita ao centro, que principia com área destinada à exposição temporária e desde onde se podem aceder às instalações sanitárias principais. Estes dois programas são divididos por uma zona de circulação que permite o acesso ao centro de documentação, à sala de leitura e às salas de formação e pedagogia. O centro de documentação pretende reunir informação de carácter científico, lúdico e pedagógico, relativa à Serra da Estrela e a sua utilização conta com uma sala destinada à leitura, pesquisa e pedagogia. Em simultâneo e parceria, existem duas salas de áreas distintas que se propõem a constituir espaços dedicados ao desenvolvimento de atividades práticas de descoberta do mundo natural dirigidas tanto ao público em geral como ao público infantojuvenil.

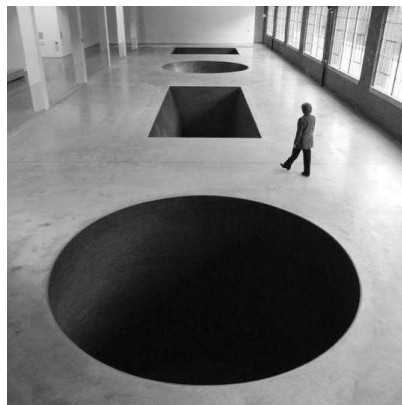
A disposição do programa revelou o primeiro bloco de comunicação como principal, pelos espaços que corteja e pelos fluxos e movimentações de que é responsável, sendo os dois restantes blocos destinados unicamente à experiência da visita da componente expositiva do centro. Como se pode concluir pela figura 33, que representa um esquema da secção longitudinal do edifício, pode-se verificar a disposição geral do programa, no qual o edifício foi simbolicamente dividido em duas componentes: a dimensão mais cultural e expositiva do programa e a parcela de estruturas de apoio. A organização do programa teve em conta as relações entre espaços contíguos e o estudo das movimentações. Esta conceção fundamentou-se essencialmente na hierarquia de utilizações e na articulação do programa de modo a conceber uma clara circulação e coerência de fluxos.

Fig.33: (em baixo) Secção longitudinal esquemática do equipamento.

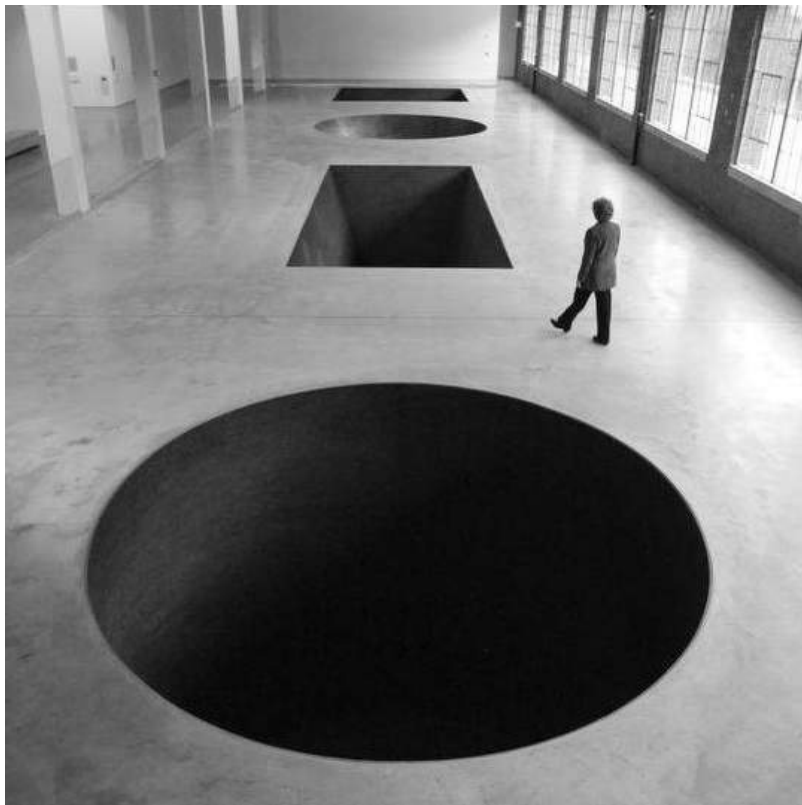


IV

FISIONOMIA



COBERTURA



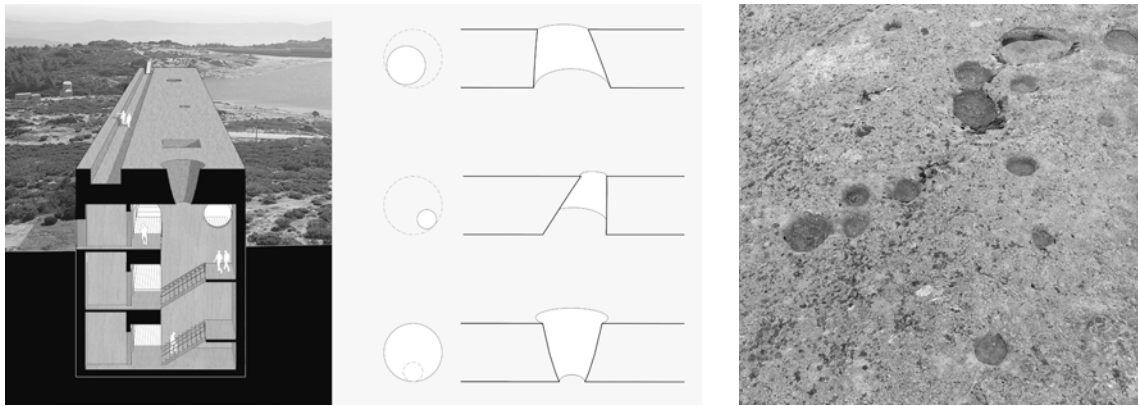


Fig.34: (na página anterior): North, East, South, West. Michael Heizer

Fig.35: (em cima à esquerda) Secção esquemática do edifício onde se entende a relação das aberturas da cobertura.

Fig.36: (em cima à direita) Fotografia das rochas do lugar.

A volumetria do equipamento proposto representa uma forte imagem, e a sua presença marca o lugar pela evidente relação que esta estabelece com a paisagem. A fisionomia e a forma como o volume é abordado assentam na precisão e pureza geométrica, o qual se esculpe como um muro maciço e homogéneo, que será posteriormente sujeito às ações do tempo com o qual se constrói a natureza.

O processo desta proposta teve a sua génese na análise e interpretação do lugar, partiu para as necessidades programáticas e relações anatómicas e retorna novamente para o exterior, debruçando-se sobre a fisionomia do mesmo, onde se pretende relacionar com todos os princípios e intenções consumadas, indo além de arranjos e formas estilisticamente preconcebidas.

Pretende-se que a anatomia e a fisionomia, elementos caracterizadores e integrantes do projeto, se respeitem mutuamente, estabelecendo entre si relações mútuas de simbiose, atribuindo à fachada e à cobertura um papel importante na relação entre o interior e o exterior. Nesta perceção, pretendemos evidenciar no exterior a estrutura do traçado organizador do equipamento, vincando a relação entre estes elementos e a anatomia da proposta. Com esta intenção, pela componente vertical, as caixas de escadas revelam-se na cobertura por aberturas zenitais, enquanto os restantes espaços, pela componente horizontal, recebem luz pela fachada. Esta oposição complementar, entre os planos da fachada e da cobertura, sustentam assim uma dicotomia de abordagem e dos atributos de intervenção.

A cobertura do equipamento, pela sua utilização e importância, comporta-se como um quinto alçado, exigindo por isso cuidado nas intenções do seu tratamento. Na observação *in situ* constatou-se que em vários afloramentos rochosos da envolvente nos podíamos deparar com cavidades de geometria circular e de diferentes tamanhos exclusivamente na cobertura das rochas (fig. 36). A análise e pesquisa permitiram entender a explicação para este interessante acontecimento que se descobriu ser resultado da meteorização e erosão, que correspondem ao conjunto de fenómenos ambientais que levam a alterações das características iniciais de uma rocha. A causa para o fenómeno observado resulta, essencialmente, da ação da água que se deposita na cobertura das rochas e pela criação de gelo que, num processo lento, atua sobre as mesmas. A relação entre coberturas e a analogia entre o maciço da proposta e as compactas rochas graníticas fizeram desta interessante constatação o mote para a abordagem e intervenção da cobertura, pelo qual se escavam as aberturas que permitem a penetração da luz. Com base nesta conceção, cada espaço, equivalente as comunicações verticais, será iluminado por uma entrada de luz zenital com perfil cónico, diferente em cada uma, dinamizando a maneira como a luz atua e transforma cada ambiente, personalizando e individualizando as atmosferas criadas (fig.35).

FACHADA



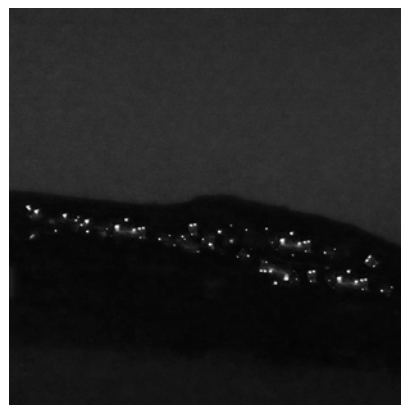


Fig.37: (na página anterior) *Concetti Spaziali*. Lucio Fontana, 1964.

Fig.38: (em cima à esquerda) Perspetiva da fachada do equipamento em ambiente noturno.

Fig.39: (em cima à direita) Panorama noturno da estância de turismo de Penhas da Saúde desde o lugar de implantação.

Como referido anteriormente, a interação na fachada e na cobertura resulta de uma dicotomia de abordagem, porém com a mesma lógica conceptual de revelar pelo exterior as relações dos espaços internos e a estrutura do traçado organizador do interior do equipamento. Deste modo, na fachada, em oposição à cobertura, apenas não se atua sobre as superfícies equivalentes as comunicações verticais evidenciando os espaços principais na fachada e facultando simultaneamente a entradas de luz natural nos espaços adjacentes.

Numa visita noturna ao lugar percebemos que a paisagem, logicamente, mudava radicalmente pela ausência de luz na envolvente, pelo que apenas era possível observar com dificuldade algumas silhuetas de elementos do contexto e do horizonte. Ao olhar na direção da estância de Penhas da Saúde, deparamo-nos com incontáveis pontos de luz sobre a terra que faziam revelar a presença humana, e neste momento percebemos o impacto que a luz, ainda que de forma tão singela, adquire num ambiente natural como este (fig.39). Esta constatação permitiu concluir que as aberturas da fachada, que durante o dia permitem a entrada da luz natural no interior dos espaços, à noite são elas que se deixam iluminar pela vida do interior e permitem evocar a sua presença no horizonte, revelando a importância de demarcar o edifício na paisagem noturna, facilitando a sua descoberta e incentivando a sua visita. Concluímos que, se desde o lugar podíamos constatar a presença humana em Penhas da Saúde através dos incontáveis pontos de luz com diferentes intensidades e tamanhos, seria interessante esta ser também a referência do equipamento desde qualquer ponto da envolvente.

Este momento fez alusão à obra do artista Lucio Fontana na realização de alguns dos seus trabalhos intitulados de *concetti spaziali*. Nestes trabalhos, Fontana perfura livremente, com uma ferramenta aguçada, uma tela, frequentemente monocromática, na qual resultam furações de diferentes proporções (fig.37). Se colocássemos uma forte luz por detrás destas telas de Fontana na escuridão, o resultado que se obtinha seria metaforicamente similar à vista noturna sobre Penhas da Saúde. Esta analogia figurativa e performativa, presumiu a ação sobre a fachada, onde se pretende atuar sobre a matéria arquitetónica que desenha os limites da forma. Assim, a abordagem sobre a fachada resulta da consciência da necessidade interior de luz natural, e da noção das consequências sobre a fachada e sobre a sua presença noctívaga. Como Lucio Fontana, uma ferramenta atribui a relação geométrica entre todas as perfurações, e as diferentes intensidades de ação sobre a fachada distinguem e variam a proporção das mesmas, concebendo um caos controlado de aberturas.

Estas ações sobre o objeto arquitetónico, foram esculpindo e esclarecendo a sua fisionomia pela qual se revela e induz as relações e afinidades com a sua anatomia.

PERCURSO



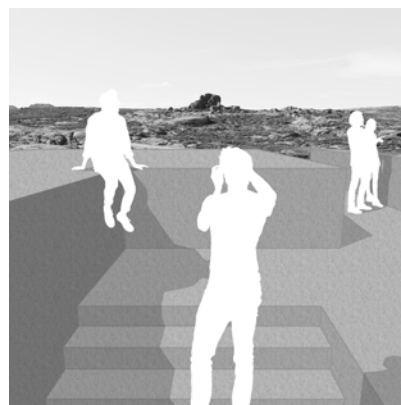


Fig.40: (na página anterior) Richard Long na intervenção Line Sahara, 1988.

Fig.41: (em cima à esquerda) Perspetiva da cobertura.

Fig.42: (em cima à direita) Momento do percurso que evidencia o alinhamento com o rochedo.

Como referido anteriormente, o equipamento dispõe de duas entradas, uma pela cobertura e outra desde o estacionamento do edifício, que vem colmatar a necessidade de entrada direta pelo seu interior, facultando o livre e incondicional acesso. Porém, privilegia-se a entrada pela cobertura porque esta atribui significado à experiência e exploração do objeto arquitetónico e enaltece as qualidades intrínsecas do lugar.

O percurso até à entrada pela cobertura do edifício pode ser feito desde qualquer ponto do contexto natural do equipamento, sem trilhos artificialmente demarcados ou forçados, libertando o visitante de imposições e permitindo que ele mesmo encontre e trace o seu caminho, no qual ocupa um lugar central no ambiente e onde cada decisão influencia a experiência da paisagem. Em cada um dos possíveis trajetos desse percurso, o caminhante fabrica e traça, numa redefinição permanente, as suas orientações, direções e os seus horizontes pela influência constante dos elementos que compõem a própria essência da paisagem como a luz, as cores, as texturas, o relevo, as sonoridades, a vegetação, etc. Nesta narrativa, na aproximação e encontro com o objeto arquitetónico este passa a ser parte integrante da paisagem, e nesta interação, a partilha direta com a natureza transforma o conceito de caminhar, que se torna mais do que andar com os dois pés.

A proposta prevê também a entrada pela cobertura com um percurso desde o interior do estacionamento automóvel, por meio de uma escada que permite o acesso direto à cobertura. À medida que se avança para o exterior, a paisagem vai se revelando e, pela orientação estratégica desta saída, o visitante encara o rochedo, alinhado com o seu movimento (fig.42). Este momento de contemplação promove o vínculo do rochedo na proposta e enaltece a sua presença e importância. Demarcado na própria massa e volumetria do edifício entalhou-se uma linha que o orienta e encaminha através da cobertura do maciço, até que este se encontra com o solo, induzindo o caminho e ampliando as relações do homem com o ambiente. “*Gostaria de evocar o caminhar como maneira de habitar o mundo, como maneira de fazer paisagem, de se juntar à paisagem, o caminhar como um certo modo de estar no espaço*”^[1]. Neste momento o visitante sente-se livre, ainda que, de certa forma, participe de uma coreografia encenada e pensada de forma cuidada. À frente encontra novamente o dorso do edifício que aflora das entranhas do solo no qual, o evidente percurso na volumetria enquadra o alinhamento com o muro da lagoa revelando a relação direta da paisagem na génese da proposta. A cobertura revela-se mais do que um miradouro, pois além de promover a contemplação da paisagem, promove as relações com a envolvente. Esta conceção de percurso permite coreografar movimentos, exaltar sentimentos, guiar perceções e construir memórias.

[1] Marc-Besse, (2013). *Paisagem e Património*. Porto: Dafne Editora, p.45.

V

NARRATIVA



HORIZONTES



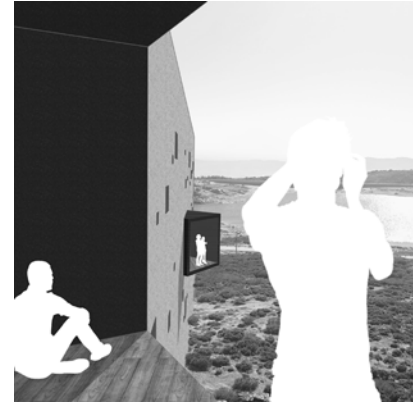


Fig.43: (na pagina anterior) Donald Judd. Marfa, Texas, 1980-1984.

Fig.44: (em cima à esquerda) Perspetiva do exterior do equipamento.

Fig.45: (em cima à direita) Perspetiva que evidencia a relação entre miradouros.

Pela sua favorável e valiosa implantação, a proposta pretende tirar partido do seu contexto e fomentar o vínculo entre o equipamento e a paisagem e, conseqüentemente, aumentar as relações entre o interior e o exterior. A localização privilegiada pretende delinear este como um ponto ideal para partir à descoberta da Serra da Estrela.

A proposta, como já referido, atribui à área expositiva, permanente e temporária, a sua maior parcela do programa. Planearam-se quatro espaços de exposição permanente e dois de exposição temporária que coincidem com o fim e o início da narrativa da exposição. A definição e conceito do *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela* surge pela vontade de promover o enquadramento e contemplação da paisagem atuando em parceria e paralelo com os meios de exposição e interpretação de conhecimentos. Nesta ideia, considerou-se oportuno e lógico tirar partido dos vários enquadramentos do horizonte e promover um olhar firme, permanente e instruído sobre estes, oferecendo ao visitante uma correspondência entre o espírito do lugar e aquilo que o define.

Com o objetivo de valorizar estes momentos, mais do que escavar grandes aberturas na fachada do edifício, concluiu-se que teria mais impacto criar molduras quadrangulares que se abrissem sobre alinhamentos precisos, comportando-se de forma análoga com objetivas que focam e registam os diferentes cenários. Estes elementos, criam espaço e permitem o refúgio e isolamento do visitante, que suspende por momentos o movimento da experiência da visita e descansa com a serenidade que estes espaços lhes proporcionam, onde todos os sentidos e atenções se acomodam a contemplar a paisagem.

Estes vãos, cautelosamente ponderados, mais do que demarcarem no horizonte momentos que se transformarão em quadros vivos, pretendem acima de tudo, promover a interação entre a dicotomia de aproximar o homem da paisagem e de trazer a paisagem até ao homem. Estas paisagens, em constante mutação, transformam a experiência da visita ao longo do tempo, e permitem que cada visitante faça a sua própria leitura, individualizando e personalizando as sensações e emoções vividas.

Se pelo interior estes miradouros concentram e orientam os olhares dos visitantes, pelo exterior estes comportam-se como um guia de enquadramentos na paisagem. A disposição e alinhamento dos miradouros guiam, também pelo exterior, alinhamentos na paisagem pelos quais se reconhece a correspondência a enquadramentos significantes e meritorios do lugar. Assim, a experiência promovida pelo interior é fundamental e reconhecida porém, pelo exterior estes elementos fomentam a curiosidade de vivenciar e conhecer a anatomia do equipamento, promovendo e seduzindo a sua visita.



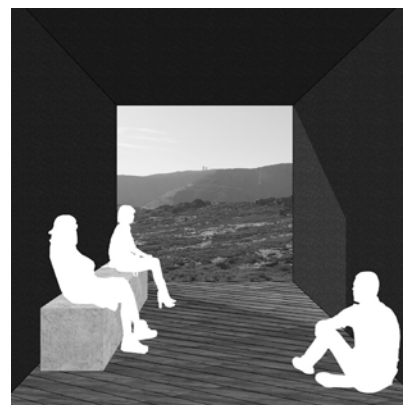
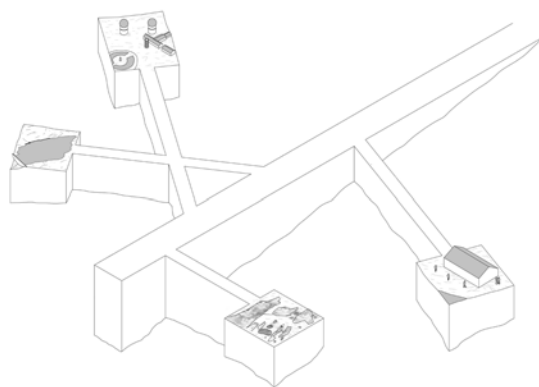


Fig.46: (na página anterior) Panorama dos quatro horizontes enquadrados desde o interior.

Fig.47: (em cima à esquerda) Esquema dos enquadramentos planeados.

Fig.48: (em cima à direita) Perspetiva do espaço de um dos miradouros.

Decidiu-se atuar sobre as quatro salas de exposição de carácter permanente onde, durante a visita, cada uma das quatro salas é apresentada com um momento de reflexão e apreciação de um panorama que estabelece e define o tema da exposição de cada sala. Neste compromisso começou por se analisar e entender as relações entre os enquadramentos possíveis e os temas que se pretendiam abordar. O apuramento dos temas, e correspondente conteúdo, resultou da observação e análise *in situ* e da pesquisa através de dados bibliográficos, onde cada tema se delineou pelo seu valor intrínseco e relevância no contexto do património da Serra da Estrela. Com base neste estudo, foram agrupadas as fundamentais temáticas, as quais exploram aspetos relativos à história, geologia e clima, biodiversidade e geografia humana da montanha, associando os enquadramentos no horizonte correspondentes aos alinhamentos das paisagens.

Este processo culminou em quatro amplos e fundamentais grupos:

1. A Serra da Estrela: este espaço moldura as torres que se avistam no horizonte e que simbolizam o ponto mais alto de Portugal continental, servindo como mote para o enquadramento histórico e geológico da serra.

2. A fauna e flora da montanha: esta sala remete à exploração da biodiversidade da Serra da Estrela na qual o miradouro permite a observação da paisagem e a constatação das características singulares do contexto natural.

3. As Lagoas: no contexto ao equipamento encontra-se a lagoa Viriato, que para além de participar na génese da proposta, colabora agora no conteúdo da mesma e serve de cenário à moldura que a enquadra e remete ao tema das lagoas glaciares e artificiais na Serra da Estrela, pela importância destas no quotidiano das populações vizinhas.

4. O Homem na Serra: uma grande objetiva foca a aldeia de Penhas da Saúde, que faz alusão à ocupação da serra pelo Homem, remetendo ao tema dos costumes e práticas das comunidades que habitam a região.

A conciliação entre o carácter de apresentação de conteúdos através de diferentes e possíveis suportes expositivos e a alternância entre os momentos de observação, enriquece e estimula a narrativa da visita.

A ausência destes miradouros nos dois espaços destinados à exposição temporária deve-se ao facto de que estes se mantenham neutros quanto às temáticas e conteúdos abordados, assumindo o carácter polivalente e efémero destas salas.

Esta forte relação entre o objeto e as particularidades do lugar enfatiza o carácter *site-specific* da intervenção, concebendo e dedicando a proposta ao seu lugar, enraizando a sua essência e conteúdo com simbolismos e atributos que a fundem na paisagem e no lugar.

ESPAÇOS



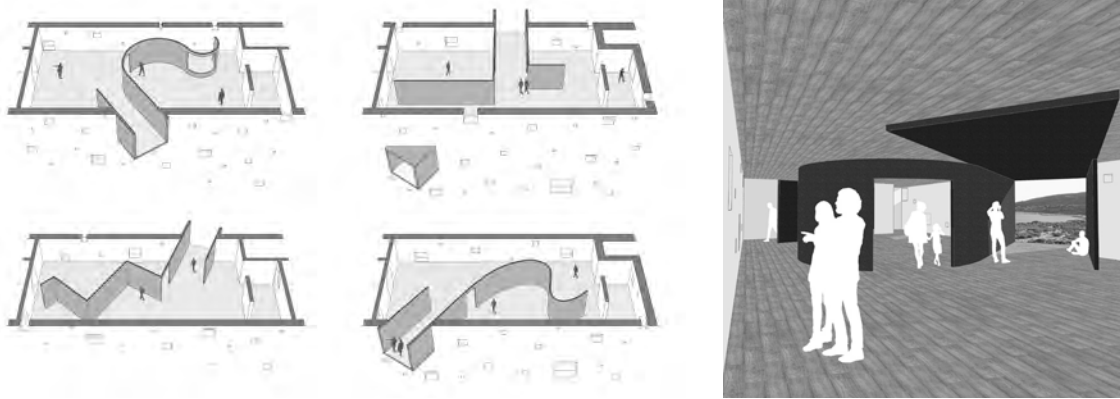


Fig.49: (na página anterior) Inside Out. Richard Serra, 2013.

Fig.50: (em cima à esquerda) Esquema da organização das quatro salas de exposição permanente.

Fig.51: (em cima à direita) Perspetiva do interior de uma das salas de exposição permanente.

Cada um dos quatro espaços de exposição permanente criados, resulta como explicado, da abordagem dos diferentes temas através do conjunto de espaço de apresentação de diversos suportes expositivos e do espaço de observação da paisagem cujo enquadramento faz alusão e define a temática da sala. Estes vãos tornam-se, portanto, elementos significativos na definição de cada sala, o que induz que a sua geometria, que se afirma pelo exterior e se revela na composição da fachada, deva participar também no desenho e composição do interior das salas de exposição. Estes elementos surgem como uma personagem secundária que participa da narrativa do projeto, assumindo a sua cooperação na organização dos espaços.

Com a intenção de personalizar e particularizar a atmosfera de cada uma das salas, cada miradouro difunde-se pelo espaço, assumindo uma geometria específica e distinta. A geometria dos planos que fragmentam e organizam cada espaço torna-se numa propriedade que em conjunto com a paisagem moldurada de cada sala, definem e fomentam a capacidade do seu registo e memorização. Durante a *promenade* da visita, mais do que espaços despidos de caráter, o visitante conseguirá um forte registo na sua memória de cada um dos espaços e criará imagens visuais e sensitivas mais intensas. Nesta ideia, atribuiu-se à sala “1. Serra da Estrela” a geometria de linhas onduladas, à sala “2. A fauna e flora da montanha” corresponde a geometria de planos retos e ortogonais, à sala “3. As lagoas” foi atribuído o traçado curvo e à sala “4. O Homem na Serra” linhas retas e quebradas (fig.50). No desenho e disposição destes planos tirou-se partido das possibilidades de espaço que esta conceção permite, dinamizando a perceção e compreensão dos distintos ambientes viabilizando diferentes apropriações e intervenções.

Na exploração de cada sala, os planos difundem-se pelo espaço encaminhando o percurso de forma subtil e perspicaz. Mais do que organizar os espaços de exposição de forma distinta e dinâmica, estes elementos conduzem o visitante pelos ambientes de forma fluida e espontânea. A exploração destes espaços propicia inúmeras experiências, pois a leitura e movimento ocorre espontaneamente num diálogo silencioso e individual que é ao mesmo tempo íntimo e intransferível. Este arranjo de planos que transformam o espaço e atuam sobre os sentidos do visitante encontra analogias com as obras do artista Richard Serra nas quais, com recurso de planos de aço, concebe peças escultóricas onde são criadas alternâncias constantes de limite espacial, as quais conferem espaços distintos que promovem uma experiência na qual se pode compreender o efeito da alteração do espaço nos diferentes sentidos (fig. 49).

As particularidades de cada sala possibilitam uma fruição de uma atmosfera mais complexa, produzindo estímulos diversificados e qualitativamente distintos na medida em que se caminha pelos espaços. A experiência do percurso desperta e dinamiza a visita, mantendo o visitante entusiasmado e curioso na exploração do conteúdo da exposição.

PROMENADE



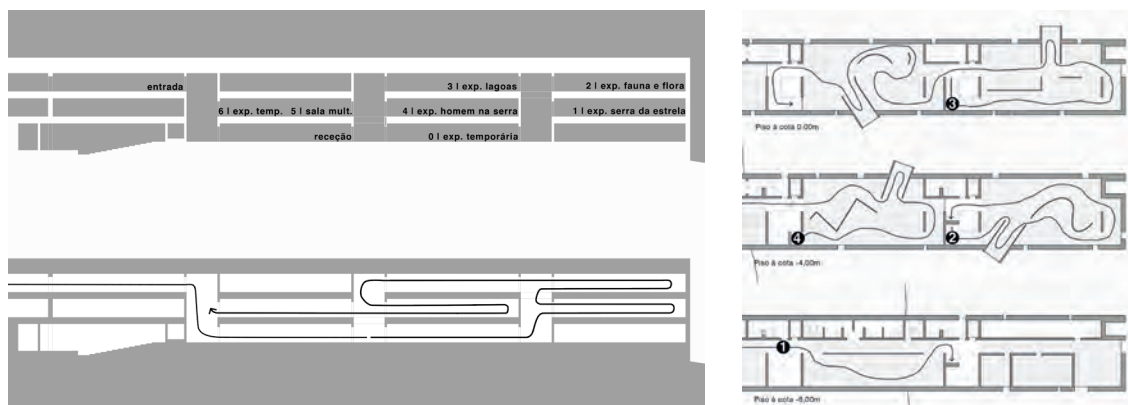


Fig.52: (na página anterior) *Umschreibung*, Olafur Eliasson. Munich, 2016.

Fig.53: (em cima à esquerda) Esquema da secção que revela a circulação pelo edifício.

Fig.54: (em cima à direita) Esquema da circulação pelos espaços de exposição.

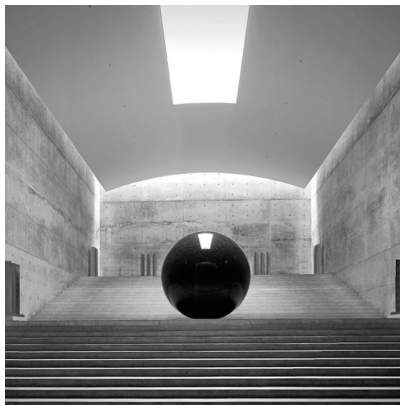
Um dos temas essenciais e fulcrais num programa desta natureza prende-se com a circulação pelo edifício e com a narrativa dos percursos. A narrativa da proposta, ponderada e precisa, pretende promover a sensação de liberdade de ações e movimentos, no qual o visitante seja encaminhado pelos espaços sem que se aperceba que participa de uma coreografia encenada. Pretende-se que o movimento seja linear, contínuo e claro, sem cruzamento de percursos nem margem para dúvidas ou excitações, de forma a evitar que se torne num labirinto. A estratificação do edifício em 3 pisos promove a ideia de uma narrativa que se desenvolve a diferentes cotas e que obriga à mudança de posição espacial em altura, remetendo ao percurso pedonal na paisagem que é naturalmente influenciado pelos acidentes geográficos e pelo relevo.

Desde a entrada principal o visitante é encaminhado até ao piso à cota mais baixa do edifício (-8.00m) onde encontra o *foyer* de recepção que representa o início da narrativa da exposição. De forma a marcar este início, o visitante depara-se, no primeiro espaço, com 3 grandes esferas que revelam e simbolizam as dimensões e materialidades que concebem a proposta, comportando-se como um objeto escultórico e alegórico. O percurso segue sem excitações no sentido da primeira sala de exposição, ainda à mesma cota, que corresponde a exposição temporária. Seguidamente o visitante é encaminhado para o contíguo espaço de comunicação vertical que lhe permite o acesso à cota superior (-4.00m) onde acede à seguinte sala de exposição, que coincide com o início da visita da exposição permanente, correspondendo à temática “1. Serra da estrela”. Explorado este espaço, intuitivamente é encaminhado para o bloco de comunicação vertical que o conduz ao piso acima ($\pm 0,00m$) onde se encontra a próxima sala, “2. A fauna e flora da montanha”. No fim é seduzido a seguir percurso, passando pelo espaço das escadas porém, pela impossibilidade de o fazer de outra forma, segue espontaneamente para a próxima sala que se dispõe à mesma cota, “3. As Lagoas”. A ordem da visita continua pela adjacente caixa de escadas que permite descer ao piso inferior (-4.00m) e aceder à última sala da exposição permanente, “4. O Homem na serra”. Antecedido pela passagem no espaço de circulação, o percurso contínuo induz o acesso à sala multimédia, e remata a visita da forma como começou, com uma sala de exposição temporária.

No mundo dos vinhos, de forma a evitar a adulteração do seu aroma, é recomendado que se cheire a própria pele entre provas, com a intenção de neutralizar o olfato. Na degustação de sushi, é comum a ingestão entre a degustação de diferentes sushis o gengibre, com o intuito de limpar o palato e evitar a deturpação do paladar. Metaforicamente, nesta narrativa, os espaços de circulação, equivalentes as caixas de escadas, antecedem e intercalam a visita aos espaços expositivos, pois pretende-se que estes ambientes neutralizem as percepções e sensações experienciadas num espaço e acomodem o visitante para o seguinte.

VI

ATMOSFERAS



CONEXÕES



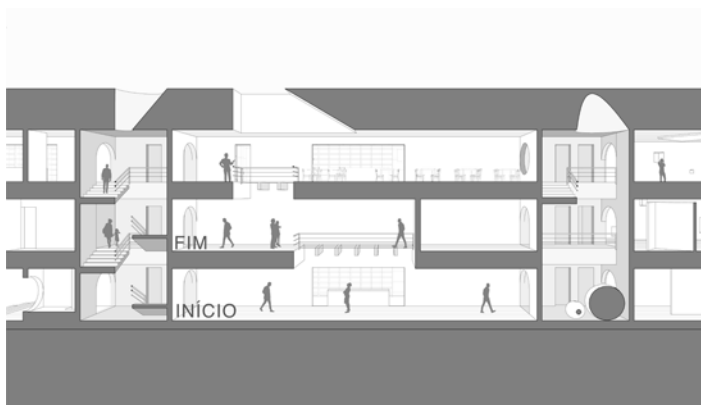
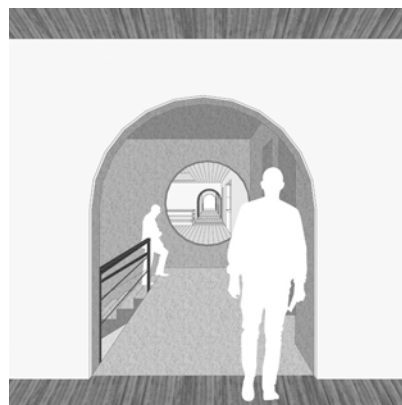


Fig.55: (na pagina anterior) *Conical Intersect*. Gordon Matta-Clark, 1975.

Fig.56: (em cima à esquerda) Secção esquemática que evidencia a relação vertical entre espaços.

Fig.57: (em cima à direita) Perspetiva da contínua conexão visual que atravessa longitudinalmente todo o edifício.



De forma a unificar e fundir todas as partes integrantes da proposta como um todo, foi necessário compreender e estabelecer relações visuais, sensitivas e físicas na proposta, pois procurou-se que a relação entre espaços fosse resultado de mais do que a sua justaposição.

A narrativa que descreve a visita ao equipamento, exposta anteriormente, constata que o fim da exposição não coincide com o ponto onde começou. Esta decisão resulta da conceção da conexão vertical entre os três pisos, que relaciona conseqüentemente os três espaços correspondentes (fig.56). Esta ligação permite ao visitante no espaço da receção, coincidente com o início da visita, criar uma forte imagem visual que lhe permitirá entender, pela memória espacial das relações verticais, o fim da narrativa da exposição. Esta conexão é sublinhada e enfatizada pela luz natural que atravessa e inunda todos os pisos chegando à receção, oriunda de uma entrada de luz zenital que segue o mesmo alinhamento da conexão vertical. Deste modo, a personificação desta luz zenital e a relação visual e física que se estabelece entre estes espaços, consolida uma atmosfera que relaciona os espaços correspondentes ao início e ao fim da visita.

As relações horizontais entre os diferentes espaços resultam da conexão, essencialmente visual, entre toda a extensão longitudinal do projeto na qual, desde o momento da entrada, é possível atravessar visualmente todos os espaços. Esta percepção enfatiza a morfologia do edifício, em linha, e revela o alinhamento do edifício com os elementos da paisagem, pois esta ligação visual culmina numa abertura da fachada que enquadra a lagoa Viriato. Na conceção das aberturas nas paredes que dividem espaços contíguos, de forma a ressaltar e reforçar este alinhamento, optou-se pela geometria circular, fundamentada pela forma como esta revelou ser a que melhor demarcava e enfatizava esta intenção pelo eixo visual preciso que determina. Estas aberturas que permitem a conexão visual contínua entre todos os ambientes facultam também o controlo das circulações e dos acessos. Quando se pretende liberar a passagem esta define-se numa passagem em arco, e quando não se pretende permitir o acesso, executa-se uma abertura circular de escala e geometria relacionada, possibilitando a relação e continuidade visual (fig.57).

Esta continuidade visual que trespassa todos os espaços, funciona como um prenúncio e uma alusão ao visitante do que vai encontrar, incentivando a criação de fortes memórias visuais. Em simultâneo, num percurso dinâmico e estimulante, estas conexões permitem que o visitante identifique e reconheça o seu trajeto pela memória dos espaços que vivenciou, o que desperta e intensifica a experiência da visita.

As conexões projetadas permitem e fomentam uma espécie de memória interna que se reatualiza no caminhar e que reanima os espaços. O mapa destes espaços não é uma imagem posta perante os olhos, mas um ritmo dentro do sentido e da memória, desenvolvendo um caráter espacio-temporal na descoberta das diferentes atmosferas.

MATERIALIDADE



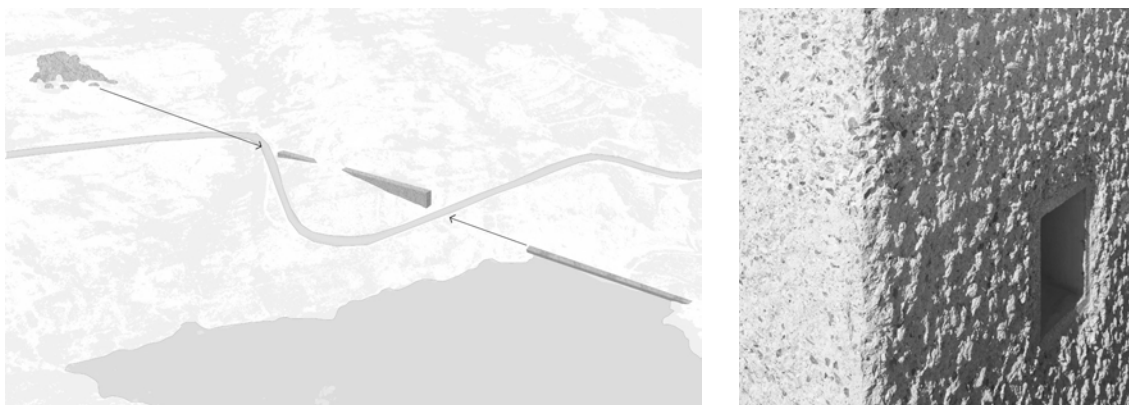


Fig.58: (na página anterior) *Time/Timeless/No Time*, Walter di Maria , Chichu Art Museum, 2004.

Fig.59: (em cima à esquerda) Esquema da materialidade exterior do equipamento.

Fig.60: (em cima à direita) Aspetto da materialidade exterior do equipamento em betão bujardado.

“No meu trabalho tento empregar os materiais de uma maneira semelhante. Penso que estes, no contexto de um objeto arquitetónico podem assumir qualidades poéticas. Para tal efeito é necessário criar no próprio objeto uma coerência de forma e sentido, uma vez que os materiais em si não são poéticos”^[1].

A escolha da materialidade que define e constitui a proposta teve na sua conceção o cuidado e minúcia do seu apuramento e da sua aplicação, de modo a que estes fizessem parte da narrativa e não fossem apenas ornamentos, meras decorações ou resultado unicamente de gostos pessoais ou tendências. Em consonância da ideia que defende o arquiteto Peter Zumthor, acredita-se que os materiais podem transmitir significado e enaltecer as atmosferas criadas. O cuidado do *“emprego preciso e sensual do material”^[2]* exigiu a procura pela essência de cada espaço e a natureza de cada material pois pretendeu-se que todos os detalhes da proposta refletissem as ideias dos esboços que serviram na génese aos diferentes capítulos da narrativa da proposta.

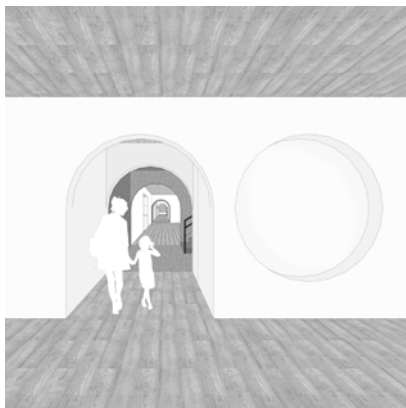
O projeto teve origem da relação com dois elementos da paisagem da envolvente, o rochedo e o muro da lagoa, os quais metaforicamente se tornaram partes integrantes desta intervenção pelo vínculo que se estabeleceu. Com a intenção de enfatizar este laço, concebeu-se a ideia de que a materialização exterior do equipamento deveria resultar da fusão entre os atributos do rochedo e do muro da lagoa. Nesta ideia, optou-se por conciliar a materialidade do muro da lagoa, o betão, com a textura rugosa da rocha. Esta dedução resultou num maciço homogéneo de betão aparente posteriormente bujardado, materialidade que atribui ao objeto o caráter de um afloramento rochoso que se fundirá na paisagem pela ação dos agentes da natureza. Com o passar do tempo, a apropriação e ação sobre a fachada de exemplos de vida da flora do contexto da paisagem, farão duvidar da longevidade da sua presença, tornando-o não num mero objeto autónomo mas convertendo-o em parte integrante e essencial na definição do lugar.

Este objeto comporta-se assim, como um maciço que foi sendo esculpido pela necessidade da sua apropriação, mantendo-se fiel à sua essência, revelando a sua própria força sem a necessidade de nenhum acessório artístico ou ornamental.

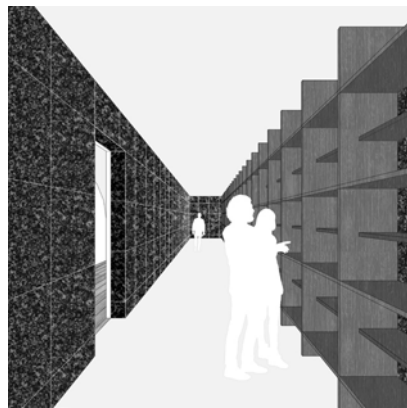
Acredita-se que a escolha precisa e coerente dos materiais tem a capacidade de relacionar e fundir as distintas partes num todo, o que despertou a necessidade de estudar e procurar as matérias e construções convenientes à harmonia e consonância da materialidade de toda a proposta.

[1] Zumthor, Peter (2009). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, p. 8-10.

[2] *Ibidem*, p 8.



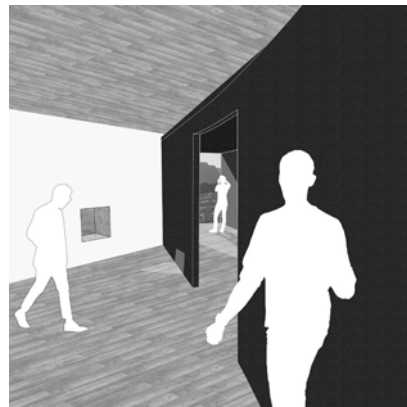
Espaço Principal: Auditório



Espaço Secundário: Centro de documentação



Espaço de circulação



Espaço de exposição e observação

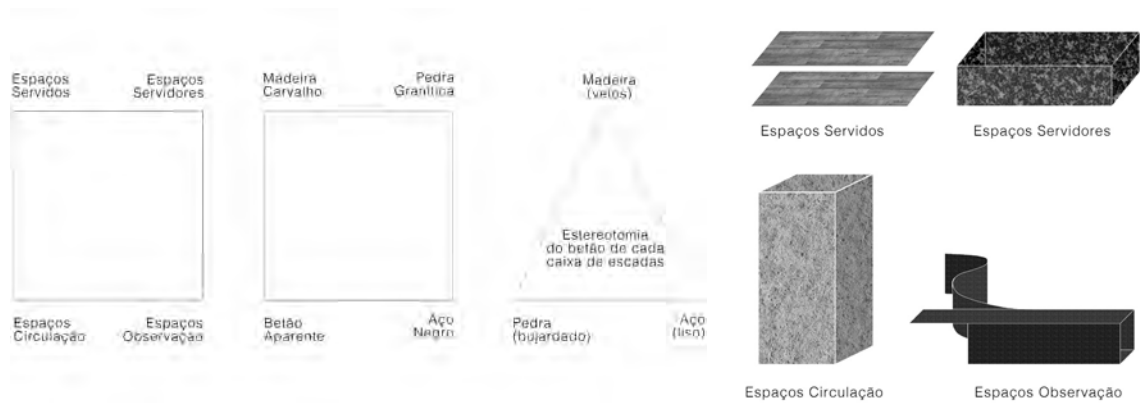


Fig.61: (na página anterior) As quatro tipologias de espaços.

Fig.62: (em cima à esquerda) Diagrama da materialidade dos diferentes espaços.

Fig.63: (em cima à direita) Diagrama das superfícies de aplicação dos diferentes materiais.

A conceção da materialidade exterior do edifício baseou-se na relação com o contexto e com a natureza, e no interior a intenção não foi diferente. A paisagem da Serra da Estrela é marcada pela dualidade da intensa presença de afloramentos graníticos e pela vegetação que integra carvalhos, pinheiros e bétulas que se registam pontualmente e em densas áreas de floresta. A materialidade do projeto pretende adotar e valorizar as especificidades do lugar, tomando estas como parte integrante da proposta.

Resumidamente, o programa integra quatro dimensões de espaços: os espaços servidos, que correspondem aos espaços principais; os espaços servidores, que correspondem às áreas de apoio; os espaços de circulação equivalentes aos blocos de comunicação vertical; e os espaços de observação correspondentes aos miradouros. Com a intenção de individualizar e caracterizar cada família de espaços, considerou-se que a materialidade em cada uma deveria conceber diferentes ambiências, onde se permitiriam diferentes experiências e sensações. O facto destes espaços se distinguirem pela sua forma e função aliada à diferença de materialidade, induz o seu reconhecimento e promove a perceção da definição do programa de cada ambiente. Os materiais foram assim atribuídos pela avaliação das suas características em resposta aos requisitos, funções e atmosferas pretendidas para cada espaço. O encadeamento e dependência entre os espaços servidos, os servidores e os de circulação deduziu que estes se deveriam abordar de forma complementar pelas suas afinidades e relações. Destas intenções resultou que os espaços servidos se caracterizariam pela madeira de carvalho nos planos superior e inferior, ou seja pavimento e teto, pretendendo criar um ambiente intenso, quente, confortável e acolhedor. Em paralelo e em complementaridade, os espaços servidores definem-se pelos limites laterais em granito favaco de tonalidade negra criando uma atmosfera intemporal e densa, aliando-se ao facto de alguns dos espaços desta parcela contarem com a utilização de águas. Se os espaços servidos e servidores, pela sua dependência e relação intrínseca se completam na intervenção dos limites físicos, os espaços correspondentes às caixas de escadas, pela sua relação vertical e de acesso, fazem-se definir pela homogeneidade de material, o betão (fig.63). A utilização das distintas famílias de materiais, a madeira, pedra e betão, assumem assim dominância e definição sobre cada espaço, o que se reflete nos espaços de observação, onde o aço negro neutraliza e elimina qualquer distração e concentra todos os olhares na contemplação da paisagem.

Promovendo a personalização e individualização dos espaços análogos das caixas de escadas, cada uma é definida pela atribuição de uma distinta estereotomia ao betão, que coincide com as texturas dos diferentes materiais da proposta, madeira (veios), aço (liso) e pedra (bujardado). Esta intenção pretende unificar os 3 elementos com o mesmo material, distinguindo subtilmente a sua experiência pela textura (fig.62).

SENSAÇÕES





Fig.64: (na pagina anterior) Riverbed. Olafur Eliasson, 2014.

Fig.65: (em cima) Perspetiva do *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela* durante o Inverno.

“Eu chamo isso de atmosfera. Quando você experiencia um edificio e ele fica com você. Ele fica na sua memória, em seus sentimentos”.^[1]

Todas as decisões do processo de conceção da proposta, tiveram como fundamento e ambição a criação de atmosferas específicas que enaltecem e promovem as emoções na experiência das distintas atmosferas. Na intenção de amplificar as sensações, o movimento pelos espaços, pretende dinamizar contrastes através da homogeneidade e separação, tensão e leveza, expressão e silêncio, sombra e luz, contemplação e reflexão. Esta dicotomia de atributos e sensações enfatiza as relações e afinidades entre os diferentes espaços do programa, e enriquece a *promenade* do percurso proporcionando ambiências que permitem diferentes sensações e exigem do visitante o uso de todos os sentidos.

A poética e beleza de cada atmosfera nunca se pretende dissociar do seu carácter funcional, assumindo a dificuldade *“e até a consciência da sua inutilidade, em classificar os acontecimentos da organização do espaço no seu significado funcional ou artístico, dizendo, por exemplo, este é um acontecimento puramente funcional, este é um acontecimento puramente artístico, o que suporia, aliás, a possibilidade de separar estes dois aspetos tão profundamente interligados que se pode perguntar em que medida uma forma pode ser bela sem ser funcional e em que medida uma forma pode ser funcional sem ser bela”*^[2].

Arquitetos como Peter Zumthor, Juhani Pallasmaa, entre outros, defendem que a arquitetura deve ser capaz de conceber atmosferas que estimulem todos os sentidos. Num jogo de consciência e sensibilidade, conceberam-se estruturas e espaços que se acredita capazes de surpreender e, os quais se consideram potenciais criadores de memórias e emoções, pelo arranjo de atributos que vão para além de intenções estilisticamente preconcebidas.

[1] Zumthor, Peter (2009). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, p.56.

[2] Távora, Fernando (2006). *Da organização do espaço*, Porto: FAUP, p.14





Fig.66: (na página anterior) Perspetiva de um dos espaços de observação da paisagem.

Fig.67: (em cima à esquerda) Perspetiva do espaço de entrada desde o estacionamento.

Fig.68: (em cima à direita) Perspetiva de um dos espaços de comunicação vertical.

Durante a narrativa da proposta, a escala dos espaços pretende colaborar e fortalecer a capacidade de memorização espacial ao visitante, o que justifica a escala do *foyer* principal, que pelo seu pé direito duplo, mais do que a conexão vertical, permite enobrecer e compreender a sua importância. A narrativa da exposição é fortemente marcada pela alternância entre espaços de exposição e circulação, as caixas de escadas. Estes pretendem ser mais do que meros acessos verticais, mas sim, circunstâncias que promovam a diferença de escalas entre os espaços de exposição e os ambientes de circulação, suscitando ritmo e particularizando momentos.

A luz é outro ingrediente desta dicotomia de espaços. As caixas de escadas são cenários onde a luz e o betão são protagonistas, pela homogeneidade do material e pela forma como este se deixa revelar pela iluminação natural. A influência da luz nos espaços resulta de uma oposição, onde nas caixas de escadas existe apenas uma entrada de luz zenital, e nos espaços principais, pontuais aberturas que deixam iluminar os ambientes pelos limites laterais, distinguindo e estimulando a diferença de atmosferas. Cada uma das entradas de luz zenitais, que definem os blocos de circulação, apresenta proporções cónicas diferentes das restantes, guiando a luz para o interior dos espaços de forma distinta e singular individualizando e caracterizando cada um.

Resultado da ponderação e aplicação dos diferentes materiais e dos distintos acabamentos, a textura e brilho de cada atmosfera preconiza uma leitura atenta e dinâmica, enfatizando a essência de cada ambiente, colaborando na criação de imagens fortes na memória sensorial do visitante. A utilização das diferentes famílias de materiais (madeira, pedra, ferro e betão) implicou um estudo acerca da seleção dos acabamentos nas suas infinitas possibilidades, encontrando nestes pormenores a essência de cada espaço.

Fruto da soma das diferentes características de cada atmosfera, desde a escala ao material, resultam ambientes que se fazem ouvir de distintas e curiosas maneiras. As propriedades de absorção e reflexão do som e a morfologia dos espaços proporcionam diferentes experiências acústicas ao longo da visita. Nos espaços de circulação, o betão pela sua propriedade refratária do som, regista os fluxos e movimentos. Em contrapartida, os espaços principais pela presença da madeira e pelo cuidado no tratamento acústico, refletem um ambiente silencioso que promove a reflexão e atenção necessários à leitura e interpretação dos distintos conteúdos.

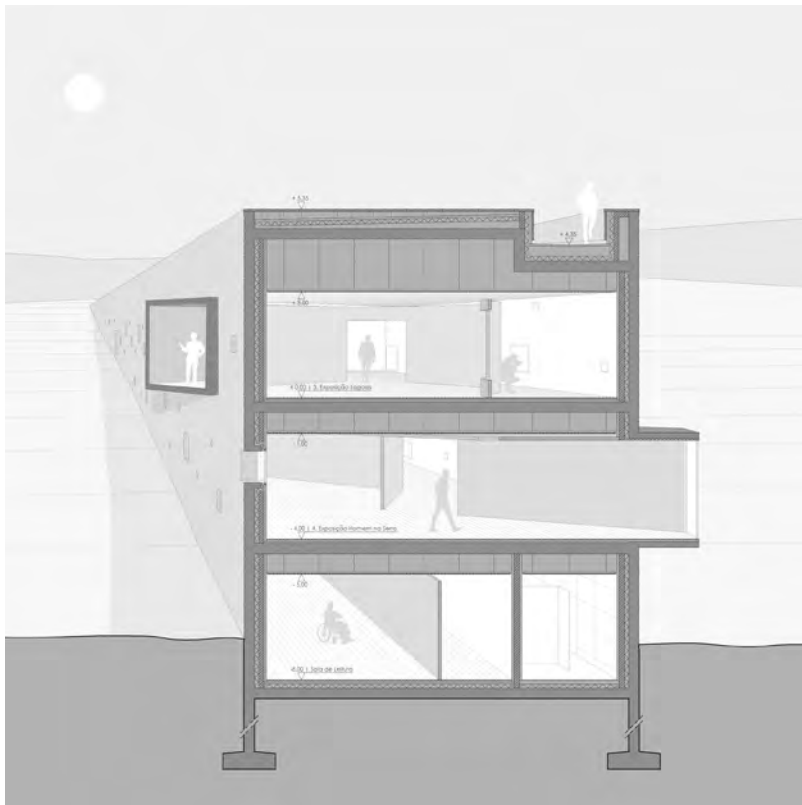
Em suma, o conjunto dos atributos de cada atmosfera concebe diferentes cenografias, permitindo sensações ao invés de provocar sensações. Evitando a efemeridade da visita, este enredo procura proporcionar uma experiência que se pretende que prevaleça positivamente na memória e nos sentimentos dos visitantes, contribuindo para a relação e intimidade entre o Homem, a arquitetura e a paisagem, sendo esta a principal premissa a que se compromete o *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela*.

CONSTRUÇÃO

Depois de fundamentada e descrita a proposta, é necessário compreender e detalhar a construção e os pormenores que dão vida as intenções apresentadas. A abordagem desta prática exigiu a pesquisa e procura de conhecimento acerca das exigências técnicas e formais que tornam real e validam o projeto.

A atenção ao detalhe e pormenor assumem-se essenciais pela capacidade de fundir as partes num todo, tomando as decisões construtivas como parte integrante na abordagem conceptual do projeto, enfatizando a natureza e caráter das relações entre os espaços, dando principal atenção ao encontro de materiais e à reinterpretação de elementos e técnicas.

ESTRUTURA E COBERTURA



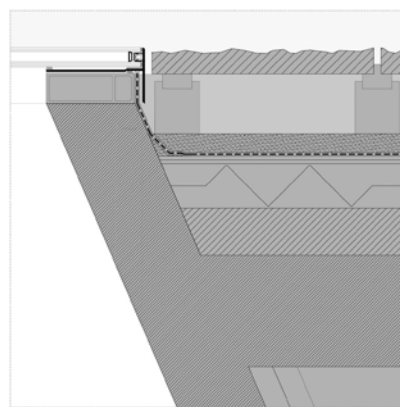
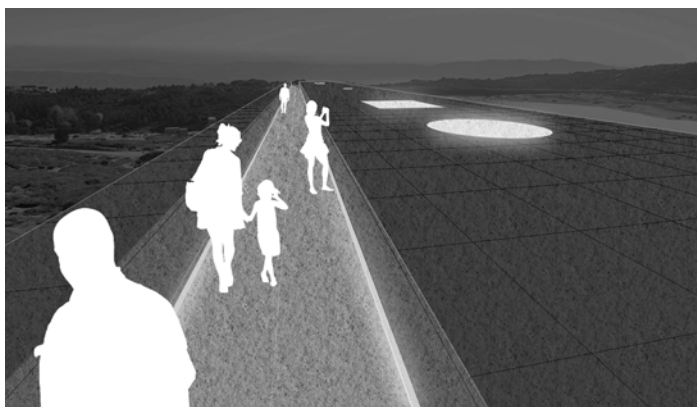


Fig.69: (na página anterior) Secção transversal do equipamento.

Fig.70: (em cima) Perspetiva da cobertura em ambiente noturno.

Fig.71: (em cima) Detalhe construtivo das claraboias e do sistema de escoamento de águas da cobertura.

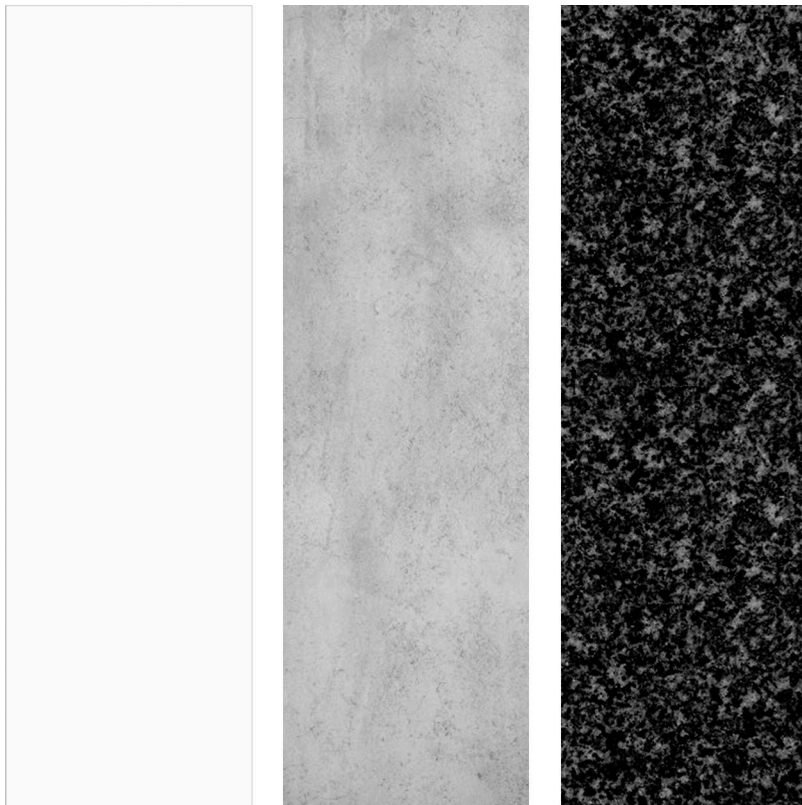
Abordando as soluções construtivas da proposta, começou por se estudar e compreender qual a solução estrutural que melhor se adaptava às intenções projetuais e que respeitava as necessidades estruturais do programa. Uma vez que o edifício se desenvolve essencialmente em comprimento, apresentando uma medida transversal entre limites internos de 10 metros, concluiu-se que a estrutura perimetral seria adequada e suficiente. Em parceria com a vontade de definir o betão aparente como expressão do exterior do edifício, revelou-se vantajoso usar as paredes exteriores como muros de carga em betão armado, suprimindo as necessidades estruturais e satisfazendo a intenção da materialidade exterior do edifício. Estes muros estruturais em betão armado de 30cm de espessura definem os limites exteriores do edifício em toda a sua extensão. Em analogia com os afloramentos rochosos, a textura da fachada pretende-se rugosa, pelo que estes muros são feitos com betão de alta classe de resistência e propriedades estruturais, no qual são usados agregados que serão revelados após uma decapagem com jato abrasivo, resultando numa superfície de textura rochosa e grosseira. Esta técnica é conhecida como hidroabrasão, que se baseia na remoção de uma fina camada de cimento do exterior do muro utilizando um jato de água de alta pressão. Com o intuito de suprir as necessidades estruturais exigidas por um edifício desta natureza, optou-se por lajes maciças de betão armado, que se apoiam nos muros estruturais (fig.69).

A intenção de atribuir ao objeto arquitetónico o aspeto de um monólito maciço de betão, implicava que a cobertura resolve-se e respeita-se a função de escoamento de águas sem o recurso de platibandas ou sistemas similares que de alguma forma não respeitassem a fisionomia pretendida para a proposta. Assim, a solução que resolveu estas premissas foi a utilização de lajetas de betão pré-fabricadas de dimensões 0.07x1.00x1.00m, de estereotomia similar à materialidade da fachada, apoiadas sobre suportes pré-fabricados de betão. Estas lajetas, com juntas de separação de 2 cm entre si, criam um vazio que permite o escoamento e a recolha das águas pluviais.

O passeio demarcado na cobertura do edifício possui um sistema central de recolha e escoamento de águas pluviais, no qual as lajetas do pavimento, pelo facto de não estarem fixas, permitem o seu acesso e manutenção. À noite, de forma a viabilizar a sua utilização, entre a escuridão e as luzes longínquas da paisagem agora sem horizonte, dos limites laterais é emitida a luz que permite o percurso estável e seguro. As luminárias são camufladas pelo próprio revestimento da cobertura (fig.70).

As claraboias que definem as entradas de luz zenital são fixas, uma vez que a sua manutenção e limpeza é possível pelo interior e exterior. Estas colocam-se à superfície do limite exterior do edifício, complanares com as lajetas de betão da cobertura (fig.71).

MATERIAIS E ACABAMENTOS



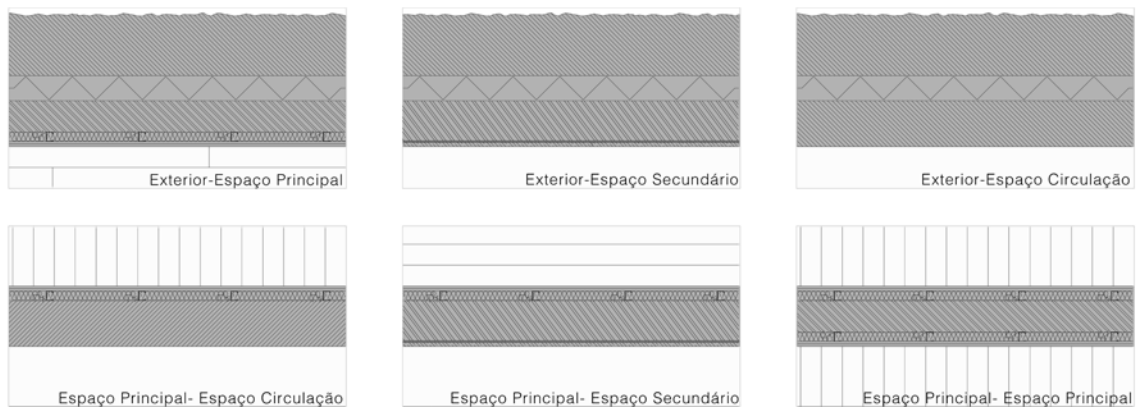


Fig.72: (na página anterior) Materiais de revestimento (Gesso cartonado - Betão - Granito Negro).



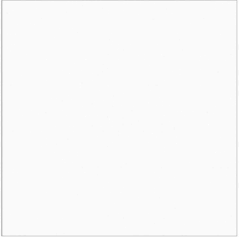
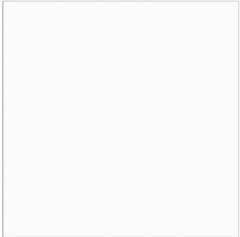

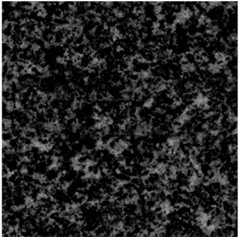


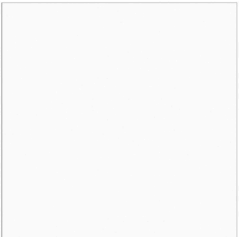
Fig.73: (em cima) Pormenores construtivos das paredes interiores e exteriores que constituem a proposta.

Pela importância da materialidade na definição e caracterização das diferentes atmosferas projetadas, foi necessário abordar os materiais de uma forma intensa, tirando partido das suas características intrínsecas e estudando os acabamentos dos mesmos com a intenção de enaltecer a sua participação na perceção dos espaços.

Os materiais de revestimento e construtivos foram pensados de acordo com a abordagem conceptual em parceria com as necessidades técnicas convenientes. Deste modo, resultaram três tipologias de paredes exteriores e três tipologias de paredes interiores.

Na constituição das paredes exteriores é transversal a presença exterior da parede estrutural em betão armado de 30cm seguida de 12 cm de poliestireno extrudado (XPS) tendo em atenção as necessidades de isolamento e controlo térmico. A parede exterior que limita os espaços de circulação é igualmente constituída pelo interior por uma parede estrutural de 22cm em betão armado que assegura a estrutura das comunicações verticais e que se assume o betão como revestimento aparente desses ambientes. As restantes duas tipologias são ambas constituídas por uma camada de alvenaria de tijolo térmico, assegurando condições térmicas estáveis e controladas nos ambientes adjacentes, alterando apenas o material de revestimento que define os espaços interiores. O revestimento da parede que assegura o limite entre o exterior e os espaços principais é composto por duplo revestimento de gesso cartonado de 125mm, hidrófugo e pintado à cor branca RAL 9010, pelas suas qualidades termoacústicas e pela capacidade de manutenção, assegurando a liberdade de ações nas salas expositivas. A parede que estabelece o limite entre o exterior e os espaços secundários é revestida de lajetas de granito favaco negro com acabamento polido e com dimensões de 3x75x75cm.

As paredes interiores diferem segundo os espaços que separam e as necessidades técnicas exigidas pelo programa dos mesmos. As paredes que separam os espaços principais dos espaços de circulação, correspondentes as caixas de escadas, são constituídas por uma parede estrutural de 22cm de betão armado aparente pelo lado das caixas de escadas, e duplamente revestida por placas de gesso cartonado de 125mm, hidrófugo e pintado à cor branca pela face interior dos espaços principais. As paredes que separam os espaços principais dos espaços de apoio, são em alvenaria de tijolo térmico de 19cm de espessura duplamente revestidas por placas de gesso cartonado de 125mm, hidrófugo e pintado à cor branca pelo lado dos espaços principais e revestidas com placas de granito favaco negro pelo lado dos espaços secundários. Por último, a terceira tipologia de parede interior, corresponde aos elementos que asseguram a divisão entre salas contíguas dentro dos espaços principais, constituídas por alvenaria de tijolo térmico de 15cm e revestida em ambos os lados por gesso cartonado de 125mm, hidrófugo pintado à cor branca RAL 9010.

Tecto			
Paredes			
Pavimento			
	Espaço Principal	Espaço Circulação	Espaço Secundário

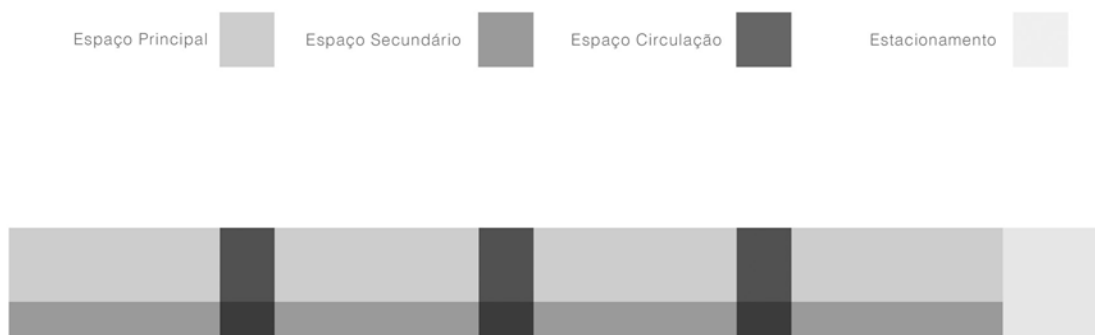


Fig.74: (na página anterior) Materialidade das distintas tipologias de espaço.

Fig.75: (em cima) Diagrama da disposição dos espaços (em planta).

O programa integra essencialmente três dimensões de espaços: os espaços servidos, que correspondem aos espaços principais; os espaços servidores, que correspondem às áreas de apoio; os espaços de circulação equivalentes aos blocos de comunicação vertical.

Os espaços principais definem-se pelo pavimento em soalho de madeira de carvalho, executado com régua de dimensões 2x10x150cm. O soalho é acabado com verniz cera, permitindo a madeira de carvalho revelar e expor a sua cor e a estrutura natural. De forma a receberem acabamento final a soalho, executa-se uma camada de argamassa de regularização com espessura de 5cm sobre a laje, onde serão executados meios fios em argamassa, onde serão cravados os barrote de apoio e fixação do soalho. Em paralelo, o teto assume o forro da mesma materialidade e com o mesmo acabamento, homogeneizando a presença da madeira nos espaços principais. O forro em madeira é suportado por uma estrutura de teto falso permitindo a camuflagem do sistema avac e dos sistemas de redes e instalações. Os limites físicos laterais, as paredes, como referido neutralizam a sua presença pela utilização do gesso cartonado pintado à cor branco.

Os espaços secundários, em complementaridade, assumem a o granito favaco nos limites laterais, nas paredes, e em oposição aos espaços principais, o pavimento e o teto brancos. Os pavimentos destes espaços são em resina epoxi branca de acabamento mate. Para receberem acabamento final da resina epoxi, os pavimentos levarão um enchimento em betão celular com 5cm de espessura, e sobre este será executada uma camada de argamassa de regularização. O teto destes espaços assume o gesso cartonado como materialidade, pela necessidade de criar um teto falso. Pintado à cor branca e hidrófugo, o teto falso sintoniza com o pavimento a sua aparência, permitindo o granito favaco de cor negra tomar protagonismo nestas atmosferas.

Os espaços de circulação assumem o betão como material homogéneo em todas as superfícies. Cada um dos espaços de escadas é caracterizado por uma estereotomia do betão distinta: betão cofrado com madeira de carvalho, protagonizando o veio da madeira; o betão cofrado com chapas metálicas, atribuindo um carácter liso e macio ao betão; e o betão cofrado e aparente, posteriormente lavado a jato de água, em analogia e simbologia com a textura de pedra.

SOLUÇÕES E PORMENORES





Fig.76: (na página anterior) Perspetiva do interior do Centro.

Fig.77: (em cima à esquerda) Perspetiva de exemplo do encontro dos distintos materiais (pavimento - parede).

Fig.78: (em cima à direita) Pormenor construtivo das janelas.

A necessidade de controlar as condições térmicas do interior dos ambientes, induziu a utilização de um sistema de climatização (AVAC). Um ducto que atravessa todos os pisos assegura a continuidade e a distribuição das condutas, ocultas pelos tetos falsos, alcançando todos os compartimentos. O mesmo ducto permite a instalação e manutenção dos componentes técnicos necessários ao bom funcionamento do sistema. A recolha de ar é assegurada pela captação direta pelo exterior, camuflada como uma das múltiplas aberturas pontuais que compõem a fachada. Com a intenção de ocultar a saída de ar tratado e a recolha de ar viciado, os tetos são afastados da parede por uma junta de 40mm por onde se permite a troca dos fluxos de ar, através de condutas em aço pintado de negro (fig. 78).

Os corrimões que asseguram a segurança na circulação dos elementos de comunicação vertical, assumem o aço negro escovado como materialidade. Estes elementos garantem também a iluminação artificial das escadas, pelo sistema de iluminação led embutido no interior do perfil do corrimão, emitindo luz pela superfície inferior do mesmo, direcionada sobre o pavimento das escadas.

A iluminação dos restantes espaços, tanto os servidos como os servidores, é garantida pela instalação contínua e linear de elementos de iluminação que se encontram complanares com o teto. A estrutura que suporta o teto falso permite também a fixação do sistema de iluminação.

As caixilharias das janelas são na sua grande maioria fixas e em alumínio com acabamento de lacagem a negro mate. Existem seis dimensões de vãos: 25x25cm, 50x50cm, 70x70cm, 90x90cm, 110x110cm e 190x190cm. As caixilharias usadas da marca Sapa, modelo Slimcase permitem a fixação da janela e a coplanaridade do vidro com a superfície interior (fig.78). Recua-se o vidro até ao limite interior dos espaços com a intenção de reforçar as aberturas pelo exterior, que se 'escavam' na fachada.

Na união dos diferentes espaços, o encontro dos materiais revela-se fulcral na compreensão da materialidade da proposta. A relação entre os distintos materiais assume-se pela sua confrontação e separação por uma junta de 1 cm que enfatiza a sua dicotomia. Deste modo, o encontro dos materiais resulta de uma separação que promove a sua independência e compreensão como elementos autónomos pela qual se pretende reforçar a definição dos espaços, evitando tentativas de fusão ou aglutinação de materiais que se entendem como distintos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

«Em qualquer aventura o que importa é partir não é chegar...».

Miguel Torga em “Viagem”

Chegados ao nosso destino, a presente proposta não se pretende assumir como uma solução infalível e irrefutável mas como resultado da aprendizagem e reflexão, transformada em linhas que evidenciam o conhecimento adquirido ao longo desta viagem. Este exercício despertou uma enorme empatia, interesse, envolvimento pessoal e constituiu, conseqüentemente, um desafio a todos os níveis, impondo esforço e dedicação, o que pessoalmente se revelou extremamente proveitoso pelo desenvolvimento das noções de responsabilidade e sensibilidade da intervenção arquitetônica na natureza.

O deslumbramento que a paisagem da Serra da Estrela provoca é proporcional à dificuldade de intervir no seu contexto, razão pela qual, desde o princípio se impôs a necessidade de compreender e aprofundar cada questão que surgia no decorrer do trabalho. Assumindo a presente dissertação pela sua abordagem de cariz prático, não se achou oportuno a exposição e explanação dos vários assuntos que fundamentaram a gênese do trabalho, ainda que se tenha refletido e analisado diversos temas que se tornaram fraturantes no desenvolvimento da proposta.

O enfoque principal do presente trabalho foi sempre o desenvolvimento de uma proposta que pelo seu forte vínculo com o lugar e pela sua intensa relação com a paisagem se tornasse numa intervenção *site-specific*, concebendo e dedicando a proposta às especificidades do lugar como uma intervenção de *land art*, em analogia com a característica da sua criação para existir num local específico e único.

Esta premissa implicou uma intensa aproximação com o lugar, tendo em vista a criação de uma relação íntima com a paisagem, na intenção de intervir de forma mais precisa e consciente. A interação e investigação *in situ* revelou ser a metodologia fundamental na conceção dos alicerces de uma forte cumplicidade com o lugar, numa dedicada leitura das especificidades e na observação da sua personalidade e dos seus atributos. Esta exploração permitiu discernir o modo como a paisagem se comunica com o sujeito que a permeia, auscultando o lugar com minúcia, incrementando o entendimento e compreensão da importância vital que nele reside e que deu desenvolvimento à reflexão sobre a proposta de intervenção. No seu conjunto, o projeto estimulou uma constante leitura numa percepção demorada e contínua, pela apreensão do lugar por meio dos sentidos e pela experiência deambulatória, privilegiando a presença do corpo e do movimento.

A paisagem e a topografia estimulantes estabeleceram o cenário ideal para receber um edifício concebido para contemplar e compreender a natureza e o lugar. Reconhecendo a arquitetura como dispositivo de interpretação do lugar, conclui-se que o arquiteto se deve colocar no papel de observador de forma a entender a estrutura da paisagem. Pela difícil identificação de referências, o constante diálogo com a paisagem e a leitura cuidada do cenário envolvente, tomou a paisagem como protagonista onde a natureza surge como origem das diretrizes da proposta, fomentando o vínculo entre obra e lugar.

Perante as preocupações e considerações para com o contexto, de certa maneira, procurou-se o *Genius Loci* de que fala Norberg-Schulz. Embora a arquitetura não seja manifestamente uma arquitetura com traços regionais, a proposta surge como um elemento mais da paisagem, acreditando que o espírito do lugar foi preservado, numa tentativa de construir o novo sem descaracterizar o lugar e a sua identidade. A intervenção pretende conceber uma arquitetura precisa e sem excessos, um trabalho fundamentado numa composição rigorosa, numa geometria cuidadosamente articulada e integrada com o lugar, com o mínimo de adulterações da paisagem. No entanto, este ‘mínimo’ não é formal, mas sim conceptual, referindo-se ao essencial. A proposta não busca desaparecer ou dissimular-se, mas procura uma posição estratégica em relação à paisagem, estabelecendo assim um diálogo mútuo e permanente com o lugar. “*Para Eduardo Souto de Moura a relação do natural com o construído acontece com naturalidade*”^[1], assumindo a ‘adequação’ como princípio fundamental da intervenção arquitetónica em contexto natural. O princípio basilar da intervenção foi, deste modo, a procura por uma resposta ‘adequada’ à singularidade do lugar, conscientes de que “*não há linguagens universais, assim como não há sítios universais, existe apenas adequação*”^[2].

As decisões tomadas, de modo consciente e crítico, permitiram construir um ‘todo’ coerente, possibilitando a criação do espaço-tempo, ou seja, a vida. O conjunto das soluções que fundamentam e consumam o proposto *Centro de Observação e Interpretação da Paisagem da Serra da Estrela* procuraram enfatizar a sua especificidade, transformando o lugar ao serviço da leitura e da contemplação, através da estruturação de uma experiência que se pretende indelevelmente marcante e primordial do encontro entre a arquitetura e a paisagem. O equipamento foi estruturado com a intenção de não ser apreendido de uma forma direta e efémera, revelando-se progressivamente no percurso e na sua exploração. Esta conceção procura alcançar a *promenade architecturale* defendida por Le Corbusier. Tal como Le Corbusier defende, as distintas atmosferas criadas e as transições entre elas não são estáticas e despidas de carácter, dinamizando a sua experiência assumindo uma ideia de surpresa, contemplação, limites claros e fluidez no percurso. Num jogo recíproco entre a arquitetura e o homem, seduz-se um caminhar que se desenrola entre a luz e a sombra, o interior e o exterior, a variação de escala, exaltação e o silêncio, o movimento e a contemplação.

Em suma, a paisagem é ponto de partida e chegada da proposta, bem como da relação do homem e da arquitetura com o lugar.

[1] Por Isa Clara Neves (Souto de moura, Eduardo e Rebelo, Camilo. (2011). *Mesa. Eduardo Souto Moura. 30 anos projectos seleccionados*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 9.

[2] Souto de moura, Eduardo *in* entrevista conduzida por Isabel Salema publicada em 17 de janeiro de 2003, Disponível em: <https://www.publico.pt/2011/03/28/culturaipsilon/noticia/transformar-uma-geografia-e-a-ambicao-de-todos-os-arquitectos-280448>.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

MONOGRAFIAS

- Cardoso, Isabel. (2013) *Paisagem. Património*. Porto: Dafne Editora.
- Careri, Francesco. (2002) *Walkscapes. El andar como Práctica Estética*. Barcelona: Gustavo Gili
- Cauquelin, Anne. (2015) *A invenção da paisagem*. Lisboa: Edições 70.
- Collingwood, Robin George. *A ideia da Natureza*. ELisboa : Editorial Presença.
- Engels, Friedrich. (1974) *Dialéctica da Natureza*. Lisboa: Editorial Presença
- Kahn, Louis. (1998) *Conversations with students*. Texas: Princeton Architectural Press, 1998
- Marques, Carlos Alberto. (1996) *A Serra da Estrela. Estudo geográfico*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Norberg-Schulz, Christian. (1991) *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Edinburgh: Ed. Rizzoli.
- Pallasmaa, Juhani. (2011) *Os Olhos da Pele. A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman
- Pessoa, Fernando e Cunha, Teresa. (1997). *Livro do desassossego*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Rasmussen, Steen. (2007) *Viver a Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Saramago, José. (2009) *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho.
- Serrão, Adrina. (2011) *Filosofia da paisagem. Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Siza, Álvaro. (2009) *01 textos, Álvaro Siza*. Porto: Editora Civilização
- Siza, Álvaro. (2009) *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edi-cões 70

Souto de Moura, Eduardo e REBELO, Camilo. (2011). *Mesa. Eduardo Souto Moura. 30 anos projectos seleccionados*. Casal de Cambra: Caleidoscópico.

Távora, Fernando. (2006) *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP.

Von Meiss, Pierre. (1991) *Elements of Architecture. From form to place*. Londres: E&FN Spon

Zaugg, Remy. (2013). *The art museum of my dreams, or, A place for the work and the human being*. Berlim: Sternberg Press.

Zumthor, Peter. (2006) *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, SL.

Zumthor, Peter. (2009) *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SL.

DOCUMENTÁRIOS

Aidnature (2015). *Altitude - A Natureza da Serra da Estrela*. [documentário] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uCAp58j31g4> [Acedido a 19 Maio 2017].

RTP (1998). *Horizontes da memória. Serra da Estrela*. [documentário] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tllnVFRRG_4 [Acedido a 21 Abril 2017].

RTP (1999). *Horizontes da memória. Está a nascer uma grande cidade. Covilhã*. [documentário] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FtHd8LauC38> [Acedido a 27 outubro 2017].